

QUERO LIBERDADE



Rose Wilder Lane

# QUERO LIBERDADE

Versão revisada e ampliada em 1944 do livro  
originalmente publicado em 1936

Título original: *Give Me Liberty*  
Tradução: Marcelo Centenaro

# Sumário

---

<i>I</i> .....	<b>3</b>
<i>II</i> .....	<b>9</b>
<i>III</i> .....	<b>17</b>
<i>IV</i> .....	<b>23</b>
<i>V</i> .....	<b>27</b>
<i>VI</i> .....	<b>31</b>
<i>VII</i> .....	<b>45</b>
<i>VIII</i> .....	<b>51</b>
<i>IX</i> .....	<b>61</b>
<i>X</i> .....	<b>69</b>
<i>XI</i> .....	<b>75</b>
<i>XII</i> .....	<b>83</b>
<i>XIII</i> .....	<b>87</b>
<i>XIV</i> .....	<b>93</b>
<i>XV</i> .....	<b>97</b>



# I

---

Em 1919, eu era comunista. Meus amigos bolcheviques daqueles dias estão espalhados agora; alguns são burgueses, alguns estão mortos, alguns estão na China e na Rússia, e eu não conheci os últimos líderes americanos da Terceira Internacional, que hoje oficialmente aceitam a democracia. Eles me repudiariam até como uma camarada renegada, pois nunca fui membro do Partido. Mas foi só por acidente que não fui.

Naqueles dias logo após a Primeira Guerra Mundial, não era prudente defender mudanças fundamentais na América. A palavra era: “Se você não gosta deste país, volte para o lugar de onde você veio!”. Tive amigos, americanos patriotas de famílias americanas tão antigas quanto a minha, que foram julgados e condenados a vinte anos de prisão por editarem uma revista simpática à experiência russa. Navios atracavam com as caldeiras fumegando e a partida autorizada, prontos para despachar destas terras, sem processo legal ou qualquer oportunidade de defesa, grupos de supostos radicais capturados por agentes do Departamento de Justiça. Policiais arrombavam portas destrancadas, esmagavam mobília inocente e, com surpreendente falta de discernimento, atacavam de surpresa russos que haviam fugido do comunismo por não gostar dele.

Rose Wilder Lane

Em meio a toda essa histeria e em grande perigo real, Jack Reed organizava o Partido Comunista da América.

Esqueço-me do local exato dessa cena histórica, mas eu estava lá. Em algum lugar nos becos de Nova York, uma escadaria suja subia de uma calçada imunda. Moleques famintos à porta ofereciam publicações comunistas para vender. A mulher esquelética de sempre pedia ajuda para a defesa legal de alguém: – Dez centavos, camarada? Cinco? Qualquer centavo ajuda.

Subimos através do aperto preguiçoso das escadas até a sala sombria de sempre, com cadeiras alugadas, pôsteres levemente tortos nas paredes manchadas, o cheiro de pobreza e fome, rostos iluminados.

Todas as reuniões eram iguais naquele inverno. Sua luz parecia vir não da má vontade das lâmpadas que balançavam no teto, mas dos rostos. Nossa polícia alardeava que os comunistas eram estrangeiros, e era verdade que a maioria dos rostos era de estrangeiros, e muitas das vozes. Mas essas pessoas tinham uma visão que parecia para mim o sonho americano. Eles tinham seguido essa visão até a América e continuavam seguindo; um sonho de um novo mundo de liberdade, justiça e igualdade.



Eles tinham fugido da opressão na Europa para viver em bicos em Nova York, trabalhar horas intermináveis em subempregos e estudar inglês exaustivamente à noite. Estavam famintos e exaustos e explorados por seu próprio povo nesta terra estranha e, por seu sonho de um mundo melhor (o qual eles não tinham esperança de viver o suficiente para ver), doavam os tostões que tinham e de que precisavam para comer.

Lembro-me de que a sala era pequena, com talvez sessenta homens e mulheres nela. Havia um sentimento quase insuportável de expectativa e um senso de perigo. A reunião não tinha começado. Alguns homens em volta de Jack Reed falavam com seriedade e urgência. Ele avistou o homem que estava comigo e sua tensão se rompeu no sorriso de Jack Reed, mais alegre que um grito. Ele se desvencilhou dos outros, nos alcançou em meia dúzia de passos largos e exclamou: – Você está conosco?

– Está? – ele repetia com expectativa. Mas a pergunta em si mesma era um desafio. A empreitada era arriscada. Jack Reed, como todo comunista sabe, não saiu de seu país depois; ele fugiu. Agentes federais ou uma batida da polícia poderiam invadir o lugar a qualquer momento. Sabíamos disso e, porque eu partilhava do sonho comunista, estava preparada para correr riscos e também para me submeter à rigorosa disciplina

partidária. Mas o homem a meu lado começou uma discussão vaga sobre táticas; esquivou-se; hesitou; perguntou e objetou; finalmente, com um sorriso apaziguador, disse duvidar se deveria correr o risco de se comprometer, sua segurança era valiosa demais para a Causa. Jack Reed deu meia-volta dizendo: – Ah, vá para o inferno, seu covarde maldito.

Essa cena rápida me mostrou minha total falta de importância naquele momento; eu não representava nenhum grupo, não tinha nenhum peso naquele complexo de teóricos e líderes. Eu era apenas um indivíduo, apenas com uma simpatia entusiasmada pelas palavras de Jack Reed, e atordoada por um maldito resfriado. Voltei para casa. O resfriado se transformou em gripe. Quase morri, as despesas me atropelaram, tinha que ganhar meu sustento e, antes que minha saúde se recuperasse, estava na Europa.

Por essa margem tão pequena, não fui membro do Partido Comunista. De toda maneira, era comunista de coração. Muitos consideram o Estado coletivista uma extensão da democracia, como eu na época considerava. Segundo essa visão, o quadro é de passos progressivos para a liberdade. O primeiro passo havia sido a Reforma; conquistou a liberdade de consciência. O segundo foi a revolução política; nossa Revolução Americana contra o rei inglês foi parte dele. Esse segundo passo conquistou graus variados de liberdade política para todos os povos ocidentais. Os liberais continuavam a aumentar

essa liberdade dando cada vez mais poder político ao Povo. Nos Estados Unidos, por exemplo, os liberais conseguiram sufrágio universal, eleição popular de quase todas as autoridades, iniciativa popular, referendo, recall e primárias.

Mas agora confrontamos a tirania econômica. Dito da maneira mais simples, nenhum homem é livre se sua subsistência mesma pode lhe ser negada, pela vontade de outro homem. O trabalhador é escravo de seu salário. A revolução final, então, deve capturar o controle econômico.

Hoje vejo a falácia dominante neste quadro e ainda vou apontá-la. Mas vamos deixar passar por enquanto. Há outro quadro. Este:

Uma vez que o progresso da ciência e das invenções nos permitiu produzir mais bens do que podemos consumir, não deveria faltar nenhuma coisa material para ninguém. Mesmo assim, vemos, por um lado, enorme riqueza nas mãos de uns poucos que, possuindo e controlando todos os meios de produção, são donos de todos os bens produzidos; por outro lado, multidões sempre relativamente pobres, não usufruindo dos bens que poderiam aproveitar.

Quem possui essa enorme riqueza? O Capitalista. O que cria a riqueza? O Trabalho. Como o Capitalista a obtém? Ele recolhe um lucro sobre todos os bens produzidos. O Capitalista produz alguma coisa?

Rose Wilder Lane

Não; o Trabalho produz tudo. Então, se todos os trabalhadores, organizados em sindicatos, obrigassem todos os Capitalistas a pagar em salários o pleno valor do seu trabalho, poderiam comprar todos os bens produzidos? Não, porque o Capitalista adiciona seu lucro aos bens antes de vendê-los.

Desse ponto de vista, é evidente que o Sistema de Lucro causa a injustiça e a desigualdade que vemos. Devemos eliminar o lucro; ou seja, devemos eliminar o Capitalista. Vamos tomar seus atuais lucros, distribuir sua riqueza acumulada e administrar nós mesmos seus antigos negócios. Os trabalhadores que produzem os bens vão então usufruir deles, não haverá mais desigualdade econômica e deveremos ter uma prosperidade geral tal como o mundo nunca conheceu.

Quando o Capitalista for embora, quem gerenciará a produção? O Estado. E o que é o Estado? O Estado será a massa de trabalhadores que labutam.

Foi nesse ponto que, pela primeira vez, uma dúvida fez um furo em minha fé comunista.

## II

---

Eu estava na Rússia transcaucasiana na ocasião, bebendo chá com cerejas em conserva e tentando segurar ao mesmo tempo uma pelota de açúcar entre os dentes. É difícil. Minha roliça anfitriã russa e seu marido tranquilo, de barba dourada, sorriam para mim e algumas crianças de bochechas redondas fitavam maravilhadas a americana. A casa deles tinha um século de idade e era charmosa. Havia imagens penduradas nas paredes grossas, mais brancas que a neve. Colchões de penas circundavam o nicho de camas do grande fogão de tijolos, que também era caiado. Todos os tecidos eram bordados. O colarinho do meu anfitrião e o vestido de sua mulher eram obras de arte. Havia uma máquina de costura americana e um orgulhoso samovar.

A aldeia era comunista, é claro. Sempre tinha sido comunista. A única fonte de riqueza era a terra e nunca tinha ocorrido a esses camponeses que a terra podia ser propriedade de alguém.

Essas planícies da Geórgia russa são muito parecidas com as de Illinois. Os russos chegaram lá como pioneiros, por volta da mesma época em que os americanos estavam entrando em Illinois. Vieram do mesmo jeito, a pé, chuchando os bois que puxavam as lentas carroças pelas pradarias sem

estradas. Diligentes, frugais, afáveis e eminentemente sensatos, os russos avançaram em grupos, se estabeleceram em aldeias, cultivaram a boa terra em comum e prosperaram.

Em Illinois, todo colono pagou pela sua terra. Não havia terra de graça para os americanos até 1862. Na Rússia, a terra era de graça. Cada aldeia cultivava tanto quanto precisasse. Dentro da aldeia, cada família cultivava uma área pré-determinada. Quando, no curso dos eventos naturais, o tamanho das famílias se alterava de maneira que a divisão de terras não mais fosse satisfatória, todos os camponeses se reuniam e discutiam uma nova divisão. Isso acontecia a cada mais ou menos dez anos, dependendo dos nascimentos, casamentos e mortes.

Essas pessoas nunca foram oprimidas por donos de terras; a maioria deles não tinha conhecido donos de terras e nenhum tinha tido qualquer contato real com o governo do czar. Estavam acostumados a pagar a um coletor de impostos, uma vez por ano, no outono, um décimo da produção anual dos campos de grãos. O coletor vinha a cavalo pela planície, recolhia os impostos em carros de boi e ia embora. Os rapazes ocasionalmente iam para a guerra, normalmente alguma pequena guerra particular contra uma aldeia tártara. A maioria desses russos era de cristãos primitivos, contrários à guerra; eles haviam vindo ou sido obrigados a sair da antiga Rússia por que não mandariam seus

filhos para os exércitos do czar. Mas depois de um século, sua oposição havia se enfraquecido; os jovens às vezes tinham disposição suficiente para se alistar para a guerra. Assim, ocasionalmente, um militar cavalgava até a aldeia, alguns jovens iam embora com ele e, quando alguns retornavam meses ou anos depois, traziam notícias de onde haviam estado e o que haviam feito e visto.

Tinha diante de mim o espetáculo de um país virgem, terra de graça, solo rico, para onde os pioneiros tinham levado o comunismo. Eles viviam lá havia cem anos, sem serem perturbados. Encontrei entre esses camponeses muitos velhos que me perguntavam o que tinha acontecido em meu país quando morreu o czar do mundo. Encontrei jovens que tinham estado em campos alemães de prisioneiros, e que explicavam aos vizinhos de olhos arregalados que eu vinha da América, uma terra fabulosa onde você podia escrever uma carta e pedir qualquer coisa – comida, cigarros, meias, fósforos, açúcar, até um casaco – e chegaria.

E eles não eram estúpidos, de maneira nenhuma. Eram os melhores fazendeiros e criadores de gado, eram bons mecânicos; as mulheres eram ótimas donas de casa e cozinheiras. Tinham mente aberta e gostavam de fazer experiências. Uma aldeia tinha contratado um suíço, por um bom salário, e construído um chalé suíço para ele e sua família; sua tarefa era melhorar a raça de vacas leiteiras e

produzir queijo na fábrica da aldeia. Havia uma aldeia de duas milhas de comprimento e uma rua de largura, iluminada por eletricidade da usina elétrica da aldeia; as mulheres de lá não lavavam a roupa no rio, mas numa lavanderia comunitária.

A colheita tinha sido boa naquele ano; o gado estava gordo, os celeiros transbordavam, e em todos os sôtãos havia pilhas de abóboras vermelho-douradas. É claro que não havia mendigos no vilarejo. Todos trabalhavam e – se o clima permitisse – qualquer um que trabalhasse era alimentado com abundância. Nenhum comunista poderia ter desejado uma prova melhor do valor prático do comunismo que o próspero bem-estar daqueles aldeões.

Os bolcheviques estavam no poder havia cerca de quatro anos e os impostos na aldeia não haviam subido, nem os jovens haviam sido convocados ao exército em maior quantidade que durante o regime do czar. Essas aldeias dependiam muito pouco de Tiflis, a cidade mais próxima, mas até Tiflis estava então revivendo por causa da NEP, a Nova Política Econômica de Lênin, uma pausa temporária para o capitalismo respirar.

Meu anfitrião me deixou perplexa com a força com que disse que não gostava do novo governo. Eu mal podia acreditar que alguém que foi comunista a vida toda, com abundantes provas do sucesso do comunismo em volta de nós, se opunha a um



governo comunista. Ele repetia que não gostava dele: – Não! Não!

Sua queixa era a interferência governamental nos assuntos da aldeia. Ele protestava contra a burocracia crescente que estava tirando mais e mais homens do trabalho produtivo. Ele previa caos e sofrimento resultantes da centralização do poder econômico em Moscou. Não eram suas palavras, mas era o que ele queria dizer.

Isto, eu disse a mim mesma, é a oposição de uma mente camponesa a novas ideias, grandes demais para o seu entendimento. É minha pequena oportunidade de espalhar um pouco de luz. Eu compreendia um pouco de russo, mas não podia falar bem e, com a ajuda do meu intérprete, expliquei em palavras simples o paralelo entre as terras da aldeia, como fontes de riqueza, e todas as fontes de riqueza. Desenhei para ele uma figura da Grande Rússia, até seus cantos mais remotos, desfrutando a igualdade, a paz e a prosperidade dividida com justiça que existiam na sua aldeia. Ele balançou a cabeça com tristeza.

– É grande demais – ele disse. – Grande demais. E o topo é pequeno demais. Não vai funcionar. Em Moscou há apenas homens e o homem não é Deus. Um homem só tem uma cabeça de homem e cem cabeças juntas não fazem uma grande cabeça. Não. Só Deus pode ter a Rússia inteira em sua mente.

Rose Wilder Lane

Um ocidental entre russos frequentemente acha que eles são todos meio loucos. Em outros momentos, seu misticismo se parece com puro bom senso. É bem verdade que muitas cabeças não fazem uma grande cabeça; na verdade, fazem uma sessão do Congresso. O que então, perguntei atordoada a mim mesma, é o Estado? O Estado Comunista – ele existe? Ele pode existir?

Hoje, gostaria de saber se aquela casa ancestral e aquela aldeia já foram varridas do solo da Rússia para dar lugar à fazenda comunal, cultivada em três turnos diários de oito horas, arada por tratores e com a colheita feita por colheitadeiras, iluminada à noite por enormes refletores. Será que meu anfitrião e sua esposa comem num salão de jantar comunal e dormem em barracas comunais agora?

Certamente, o padrão de vida deles era primitivo. Em cem anos, não havia mudado. Eles não tinham luz elétrica nem encanamento. Tomavam banho, suponho, uma vez por semana na casa de banho da aldeia e talvez isso não fosse higiênico. Quantos germes havia na água que eles bebiam ninguém sabia. Não havia tela em suas janelas. Suas estradas poeirentas viravam sem dúvida um lamaçal sem fundo no tempo chuvoso. Não tinham automóveis nem cavalos; apenas carros de boi. Seu padrão de vida, numa palavra, era o mesmo daqueles pioneiros de Illinois de cem anos atrás. Possivelmente, seu padrão de vida já subiu. Deve vir um tempo em que todo dente na Rússia seja

escovado três vezes ao dia e toda criança alimentada com espinafre.

Mas, se isso for feito com o povo da antiga Rússia, não será feito por eles, mas para eles. E quem o fará? O Estado?

Rose Wilder Lane

### III

---

A imagem da revolução econômica como o passo final para a liberdade se mostrou falsa tão logo eu me fiz essa pergunta. Porque, na realidade, o Estado e o Governo não podem existir. São conceitos abstratos, suficientemente úteis em seus lugares, como a teoria dos números negativos é útil na matemática. Na experiência real vivida, entretanto, é impossível subtrair alguma coisa de nada; quando uma bolsa está vazia, está vazia. Não pode conter menos dez dólares. Nesse mesmo plano de realidade, não existe Estado, não existe Governo. O que existe de fato é um homem, ou alguns homens, no poder sobre muitos outros homens.

A Reforma reduziu o poder do Estado – os padres – de maneira que o homem comum passou a ser livre para pensar e falar como quisesse. A revolução política reduziu ou destruiu o poder do Estado – os reis – de maneira que o homem comum ficou mais próximo de ser livre para fazer o que quisesse. Mas esta revolução econômica concentrava o poder econômico nas mãos do Estado – os comissários – de maneira que a vida e os meios de subsistência do homem comum estavam outra vez dominados por ditadores.

Todos os avanços na direção da liberdade pessoal que haviam sido ganhos pela revolução religiosa e pela revolução política foram perdidos pela reação econômica coletivista.

Quando analisei esses fatos, vi que não podia ser de outra maneira. A aldeia comunista era possível porque lá uns poucos homens, cara a cara, lutavam cada um por seu interesse próprio, até que daquele conflito se chegasse a um equilíbrio razoavelmente satisfatório. A mesma coisa acontece dentro de toda família. Mas o governo de centenas de milhões de homens é outra coisa. O tempo e o espaço impedem uma luta pessoal de tantas vontades, cada pessoa em um encontro pessoal com cada outra, chegando a uma decisão comum. O governo de multidões de homens fica necessariamente nas mãos de poucos.

Os americanos criticavam Lênin porque ele não estabeleceu uma república. Se ele tivesse feito isso, o fato de que poucos homens governavam a Rússia não teria mudado.

O governo representativo não pode expressar a vontade da massa de pessoas porque não existe massa de pessoas. O Povo é uma ficção, assim como o Estado. Não se consegue obter a Vontade da Massa, mesmo entre uma dúzia de pessoas que querem fazer um piquenique. A única massa humana com uma vontade comum é uma turba e essa vontade é uma insanidade temporária. Na realidade, a população de um país é uma multidão

de seres humanos diferentes com uma infinita variedade de objetivos e desejos e vontades flutuantes.

Numa república, essa população decide de tempos em tempos, por maioria, qual dos candidatos a um cargo público poderá usar o poder de polícia do Estado. De tempos em tempos, uma ação da maioria pode mudar os métodos pelos quais os homens chegam ao poder, a extensão desse poder ou em que termos eles podem mantê-lo. Mas a maioria não governa; não pode governar; no máximo, age como um freio sobre os governantes. Qualquer governo de multidões de homens, em qualquer lugar, em qualquer tempo, necessariamente é um homem ou uns poucos homens no poder. Não há como escapar desse fato.

Uma república não é possível na União Soviética porque o objetivo de seus governantes é econômico. O poder econômico é diferente do poder político.

A política é uma questão de princípios gerais que, uma vez adotados, podem permanecer inalterados indefinidamente; princípios como, por exemplo, de que o governo deriva seus justos poderes do consentimento dos governados. Desses princípios são extraídas regras gerais, como “*No taxation without representation*”<sup>\*</sup>. Essas regras são encarnadas na legislação que restringe ou limita o

---

<sup>\*</sup> Não há tributação sem representação. (N. do T.)

poder político, como: “O direito exclusivo de cobrar impostos pertence ao Congresso e apenas o Congresso pode gastar o dinheiro recolhido de impostos”. Esta aplicação mais concreta do princípio político não afeta os detalhes íntimos da vida do indivíduo. Podemos descuidadamente permitir que o Congresso faça o que bem entender, podemos deixar de reagir quando ele quiser tomar uma medida que nos afeta, podemos resmungar quando temos de tomar um empréstimo para pagar os impostos ou podemos perder nossa casa ou fazenda se não conseguirmos e, mesmo assim, a liberdade pessoal de escolha ainda é nossa.

A economia, entretanto, não se preocupa com princípios abstratos e leis gerais, mas com coisas materiais; trata diretamente com vagões reais carregados de carvão, colheitas reais de grãos, produção real de fábricas. O poder econômico em ação está sujeito a uma infinidade de crises imprevisíveis que afetam as coisas materiais; está sujeito às secas, a tempestades, a enchentes, a terremotos e pestes, à moda, a doenças, a insetos, a falhas mecânicas e ao desgaste do maquinário. E a economia participa dos pequenos detalhes da existência de uma pessoa – sua alimentação, bebida, trabalho, diversão e hábitos pessoais.

Governantes econômicos devem decidir sobre questões como: quantos metros de tecido devem ser usados num vestido de mulher? Batons devem ser permitidos? Existe valor econômico no chiclete?



Há um ponto de vista perfeitamente válido segundo o qual toda a indústria de fumo é um desperdício econômico.

Todo o sistema de circulação da economia é afetado pelo número de pessoas que lavam atrás das orelhas. Esse assunto tão pessoal afeta a importação e produção de óleos vegetais; o uso de gordura de animais de fazenda; a manufatura de produtos químicos: perfumes, corantes; a construção ou o fechamento de fábricas de sabão, com consequentes mudanças no emprego nessas fábricas e no negócio da construção civil e indústrias pesadas e na demanda por matérias-primas e por trabalho na sua produção; e nos fretes e no uso de combustíveis, com seus efeitos sobre minas, campos de petróleo e transportes. Já falamos do sabão. Considere agora as toalhas de rosto que podem ou não ser usadas para lavar atrás das orelhas, com todos os efeitos dessa decisão sobre plantações de algodão ou linho e o trabalho, no campo e nas fábricas; descaroçadores de algodão e seus subprodutos das sementes de algodão: óleo, fertilizante ou alimento para o gado; e máquinas de fiação e tecelagem e suas demandas sobre a indústria do aço.

Todos esses fatores econômicos, e muitos outros, mudam se os hábitos pessoais de higiene mudam. Uma dieta de Hollywood ou uma paixão por quebra-cabeças têm resultados prodigiosos nos lugares mais remotos e inesperados. O fato de a

criança, faminta ao voltar da escola, comer pão com manteiga ou doces é um assunto de importância econômica internacional.

O controle centralizado da economia sobre multidões de seres humanos precisa, portanto, ser contínuo e flexível de uma maneira sobre-humana, além de ser autocrático. Um governo assim precisa de um fluxo rápido de decretos emitidos apressadamente para responder em tempo a eventos que somem no passado, antes que possam ser relatados, organizados, analisados e considerados e será obrigado a usar a coerção. No esforço de ser bem-sucedido, o controle terá de se tornar rigoroso e minucioso sobre pequenos detalhes da vida individual, de uma maneira que ninguém aceitaria sem coerção. Não pode ser submetido a verificações, revogações e remoções de pessoas no poder que as majorias podem provocar nas repúblicas.

## IV

---

Na Rússia, então, nossa esperança tinha se realizado; a revolução econômica tinha acontecido. O Partido Comunista capturara o poder com o grito: “Todo poder aos conselhos!”

O capitalismo de estado da Rússia e as tímidas tentativas de livre empresa foram destruídos e o povo controlava a riqueza nacional. Ou melhor: na realidade, um homem sincero e extremamente capaz – Lênin – estava no poder, devotado à estupenda tarefa de reduzir multidões de seres humanos à ordem econômica eficiente, o que esse homem e seus seguidores honestamente acreditavam que fosse o máximo bem-estar material daquelas multidões.

E o que eu via não era uma extensão da liberdade humana, mas o estabelecimento da tirania numa base nova, amplamente estendida e mais profunda.

A novidade histórica do governo soviético era sua razão de ser. Outros governos existiam para manter a paz entre seus súditos ou para arrecadar dinheiro deles ou para usá-los no comércio e na guerra para a glória dos homens que os governavam. Mas o governo soviético existia para fazer o bem a seu povo, quer ele gostasse disso ou não.

E eu sentia que, de todas as tiranias às quais os homens foram submetidos, aquela tirania seria a mais implacável e a mais dolorosa de suportar. Existe algum refúgio para a liberdade sob outras tiranias, uma vez que são menos completas e não são tão armadas de virtude sem remorsos. Mas eu não conseguia identificar nenhum tipo de refúgio contra a benevolência no poder econômico.

Todos os relatos sobre a União Soviética que ouvi desde então confirmaram essa opinião. E ouço apenas relatos dos seus amigos, já que acredito que os comunistas são quem melhor entende o que ocorre lá.

Há vinte e sete anos, os homens que dirigem o país labutam prodigiosamente para criar precisamente a sociedade com a qual sonhamos: uma sociedade em que a insegurança, a pobreza e a desigualdade econômica são impossíveis.

Por esse fim, suprimiram a liberdade pessoal; liberdade de movimento, de escolha do trabalho, liberdade de manifestação pessoal no modo de vida, liberdade de expressão, liberdade de consciência.

Dado seu objetivo, não vejo como poderiam ter feito diferente. A extração de comida da terra e do mar, a produção de bens a partir de matérias-primas reunidas, e seu armazenamento, troca, transporte, distribuição e consumo por vastas multidões de

seres humanos são atividades tão intrincadamente inter-relacionadas e interdependentes que o controle eficiente de qualquer parte delas exige o controle do todo. Nenhum homem pode controlar multidões de homens assim sem coerção e essa coerção precisa aumentar com o tempo.

Precisa aumentar, porque os seres humanos são naturalmente diversos. É da natureza humana fazer a mesma coisa de maneiras diferentes, perder tempo e energia mudando a forma das coisas, experimentar, inventar, cometer erros, abandonar o passado numa variedade infinita de direções. Plantas e animais repetem a rotina, mas homens que não são reprimidos irão ao futuro como exploradores de um novo país e a exploração é sempre perdulária. Grandes quantidades de exploradores não conseguem nada e muitos se perdem. A coerção econômica é, portanto, constantemente ameaçada pela obstinação humana. Ela precisa constantemente superar essa obstinação, esmagar todos os impulsos de egotismo e independência, destruir a variedade de desejos e comportamentos humanos. O poder econômico centralizado, esforçando-se por planejar e controlar os processos econômicos de uma nação moderna, existe sob a necessidade ou de fracassar ou de se tornar o poder absoluto sobre cada área da vida humana.

Rose Wilder Lane

– Não importa o que acontece aos indivíduos – diz o comunista. – O indivíduo não é nada. A única coisa que importa é o Estado coletivista.

A esperança comunista de igualdade econômica na União Soviética repousa hoje na morte de todos os homens e mulheres que são indivíduos. Uma nova geração, eles me dizem, já está sendo forjada e educada assim, de maneira que está sendo criada de fato uma massa humana; milhões de homens e mulheres jovens que possuem, de verdade, a psicologia de uma colmeia de abelhas, de um formigueiro.

Isso não me parece tão inacreditável quanto já pareceu. Pode já existir uma colmeia humana na Rússia. Não seria a única na história; existiu Esparta.

Existiu Esparta, imutável em suas rígidas formas de comportamento e pensamento padronizados, até que foi destruída por um inimigo externo. Existe a colmeia de abelhas, estática, imutável através de incontáveis gerações de indivíduos que repetem incessantemente o mesmo padrão de ações devotadas ao bem de todos. Se não há progresso na vida, isso não é vida; é um tipo de morte animada e respirando.

# V

---

Quando voltei da União Soviética, não era mais comunista, porque acreditava na liberdade pessoal. Como todos os americanos, tinha como garantida a liberdade individual na qual nasci. Parecia-me tão necessária e inevitável como o ar que respiro; parecia ser o elemento natural em que os seres humanos vivem.

A ideia de que pudesse perdê-la nunca havia nem remotamente me ocorrido. E não podia imaginar que multidões de seres humanos pudessem voluntariamente viver sem ela.

Aconteceu que passei muitos anos em países da Europa e da Ásia ocidental, de maneira que finalmente aprendi um pouco, não só sobre as palavras que os vários povos usam, mas sobre o real significado dessas palavras. Nenhuma palavra, é claro, pode ser traduzida de maneira exata para outra língua; as palavras que usamos são os símbolos mais toscos para seus significados e supor que palavras como “guerra”, “glória”, “justiça”, “liberdade”, “lar” signifiquem a mesma coisa em duas línguas é um erro.

Em toda parte, na Europa, encontrei os fatos vivos das castas medievais e da estática ordem social medieval. Vi-os resistindo, e resistindo

Rose Wilder Lane

encarniçadamente, à liberdade individual e à revolução industrial.

É impossível conhecer a França sem saber que os franceses têm necessidade de ordem, disciplina, da limitação das formas tradicionais, da regulação burocrática das vidas humanas por um poder policial centralizado e que a impetuosa democracia francesa não é um grito pela liberdade individual, mas uma insistência de que as classes mais altas não explorem tão severamente as classes mais baixas.

Vi, na Alemanha e na Áustria, ovelhas espalhadas e sem liderança, correndo de um lado para outro, sentindo falta da segurança perdida do rebanho e do pastor.

Resistindo passo a passo, fui finalmente obrigada a admitir a meus amigos italianos que havia visto o espírito da Itália reviver sob Mussolini. E parecia-me que esse reflorescimento baseava-se na separação entre a liberdade individual e a revolução industrial, cuja causa e origem era a liberdade individual. Disse que na Itália, assim como na Rússia, uma ordem econômica controlada, planejada e essencialmente medieval estava colhendo os frutos da revolução industrial enquanto destruía sua raiz, a liberdade do indivíduo.

– Por que você quer falar sobre os direitos dos indivíduos! – explicavam os italianos, impacientes



afinal. – Um indivíduo não é nada. Como indivíduos, não temos importância nenhuma. Vou morrer, você vai morrer, milhões vão viver e morrer, mas a Itália nunca morre. A Itália é importante. Nada importa, exceto a Itália.

Essa rejeição do eu como um indivíduo era, eu sabia, o espírito que animava os membros do Partido Comunista. Eu ouvia que era o espírito que começava a animar a Rússia. Era o espírito do fascismo, o espírito que indubitavelmente reviveu a Itália. Dezenas, centenas de pequenos incidentes revelavam isso.

Em 1920, a Itália era um pulgueiro de mendigos e ladrões. Eles caíam sobre o estrangeiro e o devoravam. Não havia momento em que a bagagem pudesse ser deixada desguardada; toda conta era cobrada a mais; e nenhum serviço, por menor que fosse, deixava de vir acompanhado da conta; os táxis desviavam para ruas sem movimento e os barcos paravam no meio do caminho para os navios, para que os motoristas e barqueiros pudessem, pelo medo, forçar os tímidos passageiros a pagar duas vezes. Cada passo na Itália era uma discussão e uma briga.

Em 1927, meu carro quebrou depois do anoitecer, na beira de uma pequena aldeia italiana. Três homens – um garçom, um foguista e um chofer uniformizado de viajantes ricos que dormiam na estalagem – trabalharam a noite toda no motor.

Quando começou a funcionar suavemente no gelado amanhecer, os três se recusaram a aceitar qualquer pagamento. Americanos numa situação semelhante teriam recusado por cordialidade humana e orgulho pessoal. Os italianos diziam firmemente: – *No, signora*. Fizemos pela Itália. – Isso era típico. Os italianos não estavam mais centrados em si mesmos, mas naquela criação mítica de sua imaginação em que despejavam suas vidas: a Itália, a Itália imortal.

Comecei finalmente a questionar o valor dessa liberdade pessoal que me parecera tão inerentemente correto. Via como era raro, como era novo o reconhecimento dos direitos humanos. Da Bretanha até Basra, refleti sobre as ruínas das civilizações brilhantes onde povos jamais vislumbraram a ideia de que os homens nascem livres. Em sessenta séculos de história humana, essa ideia foi um elemento da fé religiosa judaica, cristã e muçulmana, mas nunca tinha sido usada como um princípio político.

Era um princípio político apenas para uns poucos homens na terra, havia menos de dois séculos. A Ásia não a conhecia. A África não a conhecia. A Europa nunca a aceitou completamente e agora a estava repelindo.

Comecei a questionar: o que é a liberdade individual?

## VI

---

Quando perguntei a mim mesma: “Sou verdadeiramente livre?”, comecei lentamente a entender a natureza do homem e da situação humana neste planeta. Entendi finalmente que todo ser humano é livre; que sou dotada pelo Criador de liberdade inalienável enquanto sou dotada de vida; de que minha liberdade é inseparável de minha vida, uma vez que a liberdade é a natureza de autocontrole do indivíduo. Minha liberdade é meu controle de minha energia vital, pelos usos sobre os quais, portanto, somente eu sou responsável.

Mas o exercício dessa liberdade é outra coisa, uma vez que, em qualquer uso de minha energia vital, encontro obstáculos. Alguns desses obstáculos, como o tempo, o espaço, as condições climáticas, são eternos na situação humana neste planeta. Alguns se impõem por si mesmos e vêm da minha própria ignorância das realidades. E, durante os anos em que morei na Europa, uma enorme quantidade de obstáculos foi impingida a mim pelo poder de polícia dos homens que governam os Estados europeus.

Considero que é uma verdade evidente por si mesma que todos os homens são dotados pelo Criador de uma liberdade inalienável, de autocontrole individual e de responsabilidade por

Rose Wilder Lane

pensamentos, palavras e atos, em qualquer situação. Até que ponto essa liberdade natural pode ser exercida depende da quantidade de coerção externa imposta sobre o indivíduo. Nenhum carcereiro pode obrigar um prisioneiro a falar ou agir contra a vontade dele, prisioneiro, mas correntes podem impedi-lo de agir e uma mordaca pode impedi-lo de falar.

Os americanos têm mais liberdade de pensamento, de escolha e de movimento que os outros povos jamais tiveram.

Não herdamos limitações de casta para restringir nossa gama de desejos e ambições à classe em que nascemos.

Não temos uma burocracia governamental para monitorar cada movimento nosso, para registrar quais amigos ligam para nossa casa e a que horas eles chegam e saem, para que a polícia esteja plenamente informada caso sejamos assassinados. Não temos funcionários públicos que, no interesse do recolhimento justo e equitativo dos impostos sobre a gasolina, param nosso carro e medem o conteúdo do tanque quando entramos numa cidade americana ou saímos dela.

Não somos obrigados, como são os europeus do continente, a levar o tempo todo um cartão de identificação emitido pela polícia, renovado e pago a intervalos regulares, onde consta nossa foto

propriamente carimbada e nosso nome, idade, endereço, parentesco, religião e ocupação.

Os trabalhadores americanos não são classificados; não carregam cartões emitidos pela polícia onde os empregadores registram cada dia em que eles trabalham; não têm locais de diversão separados das classes mais altas e sua diversão não está sujeita a interrupções por policiais fazendo batidas para inspecionar seus cartões de trabalhadores, e agindo a partir da premissa de que qualquer trabalhador cujo cartão mostre que ele não trabalhou na semana anterior é um ladrão.

Em 1922, como correspondente estrangeira em Budapeste, acompanhei uma dessas batidas policiais. O Chefe de Polícia mostrava a um colega da Scotland Yard em visita à Hungria os mecanismos de seu trabalho. Saímos às dez da noite, com sessenta policiais que se moviam com a bela precisão dos soldados.

Cercaram uma área no bairro operário da cidade e vieram fechando o cerco, enquanto o Chefe explicava que essa era a rotina de sempre; todo o bairro era varrido dessa maneira a cada semana.

Aparecemos de repente nas entradas dos bares de operários, lugares sujos com serragem sobre o chão de terra, onde um músico tentava tristemente tirar música de uma rabeça barata e homens e mulheres em andrajos cinzentos sentavam-se em mesas

descobertas e bebericavam economicamente cerveja ou café. Seu terror ao ver os uniformes era abjeto. Todos se levantavam e humildemente erguiam as mãos. Os policiais sorriam com o prazer peculiar dos seres humanos de posse de tão grande poder.

Vasculhavam os bolsos dos homens, zombando um pouco de um objeto ou outro. Achavam os cartões de trabalho, inspecionavam-nos, enfiavam de volta nos bolsos. Ao ouvir a abrupta liberação, os homens se deixavam cair nas cadeiras e enxugavam a testa.

Em toda parte, alguns cartões não passavam na inspeção. Nenhum empregador os havia carimbado nos últimos três dias; homens e mulheres eram levados ao camburão.

Aqui e ali, quando entrávamos, alguém tentava fugir pela porta dos fundos ou pela janela e caía, é claro, nas mãos da polícia. Podíamos ouvir os policiais rindo. O Chefe recebeu os cumprimentos do detetive britânico. Tudo foi feito com perfeição, ninguém escapou.

Várias mulheres protestavam freneticamente, chorando, implorando de joelhos, de maneira que quase tinham de ser carregadas para o camburão. Uma jovem lutou, gritando horripelantemente. Foram necessários dois policiais para contê-la; não eram brutos, mas quando ela mordeu as mãos que eles

colocavam nos braços dela, um terceiro lhe deu um tapa no rosto. No camburão, ela continuou gritando como louca. Eu não entendia húngaro. O Chefe explicou que algumas mulheres resistiam a receber cartões de prostituta.

Quando uma empregada doméstica ficava vários dias sem trabalho, a polícia tomava o cartão que a identificava como trabalhadora e que permitia que ela trabalhasse; dava em troca um cartão de prostituta. Homens que não tinham trabalhado recentemente eram condenados a uma pena curta de prisão por roubo. Obviamente, dizia o Chefe, se não estavam trabalhando, eram prostitutas e ladrões; como poderiam subsistir de outra forma?

– Talvez com suas economias? – sugeri.

Os trabalhadores só ganham o suficiente para viver cada dia, não têm como economizar, disse o Chefe. É claro, se por um acaso extraordinário algum deles ganhou um pouco de dinheiro honestamente e puder provar, o juiz irá soltá-lo.

Tendo vasculhado todos os bares, começamos a olhar as pensões. Morei em subúrbios em Nova York e São Francisco. Os americanos que não viram os subúrbios europeus não têm a menor ideia do que é um subúrbio.

Até o amanhecer, a polícia subia pelas pensões imundas e descia até seus porões, agitando a massa

de esfarrapados e exigindo os cartões de identificação dessas pessoas de olhos arregalados. Não prendemos tantos desempregados lá, porque é mais caro dormir sob um teto que sentar num bar; o simples fato de que tinham abrigo indicava que trabalhavam. Mas a polícia era minuciosa e acordou todo mundo. Trabalhavam quietos e de bom humor; essa batida não tinha nada da violência de uma operação da polícia americana. Quando uma porta trancada não se abria, a polícia tentava todas as chaves-mestras disponíveis antes de arrombá-la.

O homem da Scotland Yard dizia: – Admirável, *sir*, admirável. Os sistemas policiais do continente são maravilhosos, realmente. Vocês tem controle absoluto aqui. – Então falou seu orgulho britânico, reprovativamente, como sempre fazia. – Nunca poderíamos fazer algo assim em Londres, vocês não sabem? A casa de um inglês é seu castelo, e tudo o mais. Temos de ter um mandado antes que possamos vasculhar recintos ou tocar na pessoa de alguém. Limitação irracional, sabe? Não temos nada parecido com o seu controle daqui do continente.

Foi a única busca policial de um bairro operário que presenciei na Europa. Não acredito que a sujeição ao controle governamental em outros lugares chegue ao ponto de forçar mulheres a se prostituir e pode ser que isso não aconteça mais na Hungria. Mas esse sistemático cerco e busca em



bairros operários ocorria normalmente em toda a Europa, e sei que se considerava um fato real que o desemprego forçava as pessoas para além do limite entre a privação e o crime.

Como qualquer habitante da Europa, fui parada muitas vezes a caminho de casa por dois policiais educados que pediam para ver minha carteira de identidade. Era tão comum que não era preciso explicar. Sabia que meu bairro de classe média, plenamente respeitável, era cercado, simplesmente por questão de rotina policial, e todo mundo tinha que mostrar a identidade emitida pela polícia.

De todo modo, desconfio que a criminalidade não fosse menor nessa Europa controlada pela polícia que na América. Muitos crimes eram contados em parágrafos curtos com letra pequena em qualquer jornal. Não havia nenhum lugar numa cidade americana em que eu tivesse medo de ir sozinha à noite. Sempre houve muitos bairros de cidades europeias que eram realmente perigosos depois do pôr-do-sol, e vários tipos de criminosos que matariam qualquer homem, mulher ou criança bem vestidos, só para ficar com as roupas.

O mais terrível é que o motivo por trás de toda essa supervisão do indivíduo é um bom motivo, um motivo racional. Como poderia um governante manter a ordem social sem ela?

Existe certo instinto de método e autopreservação que permite que aglomerações de seres humanos livres saiam de um lugar de alguma maneira. Nenhuma multidão deixa um teatro com eficiência, nem sem desconforto, impaciência e tempo perdido, mas normalmente chegamos à calçada sem brigar. Ordem é outra coisa. Todo professor sabe que não dá para manter a ordem sem regras, supervisão e disciplina. É uma questão de grau; quanto mais rígida e autocrática a disciplina, maior a ordem. Toda ordem social genuína exige, como primeiro fundamento, a classificação, regulamentação e obediência dos indivíduos. Sendo os indivíduos o que são, infinitamente variados e cheios de vontades, a obediência tem de ser imposta.

A grande perda num ambiente de ordem social é de tempo e energia. Ficar sentado em salas de espera até que se possa entrar numa fila para chegar à mesa de um burocrata parece, para qualquer americano, uma perda mortal e viver nessa ordem social encurta a vida das pessoas. Também fora do escritório do burocrata, essa regulamentação pelo bem público constantemente obstrui toda ação. É tão impossível mover-se livremente na vida diária quanto ziguezaguear ou apressar o passo quando se segue uma procissão.

Na América, não existem decretos comerciais dificultando a atividade de cada balconista ou cliente, como acontece na França, de maneira que

se gasta meia hora a mais em cada compra numa loja de departamentos. Os comerciantes franceses são tão inteligentes quanto os americanos, mas não podem instalar tubos de vácuo e um sistema ágil de contabilidade num caixa central. – Para quê? – eles perguntariam a você. Eles ainda seriam obrigados a registrar cada compra por escrito num livro, na presença do comprador e do vendedor, conforme decretou Napoleão.

Também era um decreto inteligente, quando Napoleão o emitiu. Os comerciantes franceses poderiam mudá-lo? – É muito engraçado – diziam eles sem nenhuma vontade de rir. O decreto estava emaranhado em cem anos de complicações burocráticas e, além disso, imagine quanto desemprego sua revogação causaria entre aqueles caixas cansados, molhando a pena na tinta especificada, registrando a data e hora numa nova linha e perguntando: – Seu nome, *madame*? – escrevendo. – Seu endereço? – escrevendo. – Pagou em dinheiro? – escrevendo. – Vai levar a compra consigo? Ah, certo. – escrevendo. – Ah, entendo. Um novelo de linha, de algodão, preta, qual o tamanho? – escrevendo. – E a senhora ofereceu em pagamento? Sim, um franco. – escrevendo. – Por um franco, veja, *madame*, dou-lhe cinquenta centavos de troco. Bem. Está satisfeita, *madame*?

Ninguém avaliava quanto desemprego isso causava às multidões de clientes esperando pacientemente

todos os dias, nem se aqueles funcionários poderiam estar fazendo alguma coisa útil, que criasse riqueza, se nunca tivessem sido empregados daquela maneira. Napoleão quis impedir o desperdício da desorganização, da fraude e das brigas nos mercados de seu tempo. E conseguiu. O resultado é que uma parte muito grande da França ficou permanentemente estacionada no tempo de Napoleão. Se ele tivesse deixado os franceses desperdiçarem e brigarem e fraudarem e serem lesados, como os americanos faziam em seus mercados igualmente primitivos, as lojas de departamentos da França certamente teriam se tornado tão vivamente eficientes e economizadoras de tempo como as da América.

Ninguém que sonha com uma ordem social ideal e com uma economia planejada para eliminar o desperdício e a injustiça leva em consideração quanta energia, quanto da vida humana é desperdiçado administrando-se e seguindo-se a melhor das regulamentações. Ninguém leva em conta o quanto essa regulamentação se tornaria rígida, nem que ela teria de se tornar rígida e resistir a mudanças, porque seu objetivo subjacente é proteger os homens dos riscos do acaso e das mudanças causadas pelo passar do tempo.

Os americanos, em nosso país, nunca experimentaram a disciplina de uma ordem social. Falamos de uma ordem social melhor quando, de fato, não sabemos o que é ordem social. Dizemos

que há algo errado com nosso sistema quando, de fato, não temos sistema. Usamos frases aprendidas da Europa, sem conceber seu significado na experiência real vivida.

Na América, não temos nem mesmo treinamento militar universal, a base da ordem social que mostra a todo cidadão do sexo masculino que ele é submisso ao Estado e subtrai dele alguns anos de juventude, enfraquecendo, portanto, o poder militar de todas as nações que o adotaram.

Um contrato de aluguel de apartamento na América é válido a partir do momento em que é assinado; não é necessário levá-lo à polícia para ser carimbado, nem registrar uma cópia na coletoria de impostos, de maneira que, para fins fiscais, nossa renda seja considerada dez vezes maior que o aluguel que pagamos. Na teoria econômica, não há dúvida de que não é adequado pagar um aluguel maior que 10 por cento do que ganhamos e talvez seja economicamente justo que alguém tão extravagante a ponto de pagar mais seja punido pelos impostos. Nunca se consegue vencer com argumentos os motivos por trás das burocracias europeias; invariavelmente, os motivos são excelentes.

Um americano pode olhar o mundo a sua volta e pegar o que quiser, se conseguir. Só a lei penal e seu caráter, habilidade e sorte o limitam.

É o que os europeus querem dizer quando, depois de alguns dias neste país, exclamam: “Vocês são tão livres aqui!” Para um americano que volta depois de morar muito tempo no exterior, o mais infinito alívio é poder ir de um hotel a outro, de uma cidade a outra, poder entrar correndo numa loja e comprar um carretel de linha, resolver às três e meia tomar o trem das quatro, comprar um carro se tiver o dinheiro ou o crédito e dirigi-lo para onde bem entender, tudo sem ter que relatar absolutamente nada ao governo.

Mas qualquer pessoa para quem liberdade é a liberdade de ganhar seu sustento se possível, como sempre foi meu caso, sabe que essa independência é outro nome para responsabilidade.

Os pioneiros americanos expressaram isso de maneira clara e direta. Eles dizem: “Fuce, porco, ou morra”<sup>\*</sup>.

Não pode haver uma terceira alternativa para o leitão que sai do chiqueiro, para ir onde quiser e fazer o que preferir. Liberdade individual é responsabilidade individual. Quem quer que tome decisões é responsável pelos resultados. Quando os homens comuns eram escravos e servos, obedeciam e eram alimentados, mas morriam aos milhares por

---

<sup>\*</sup> Em inglês, “Root, hog, or die”. Expressão idiomática comum nos Estados Unidos a partir do século XIX, que quer dizer que as pessoas devem depender de si mesmas. (N. do T.)

pragas e fome. Homens livres pagam sua liberdade ao deixar aquela segurança falsa e ilusória.

A questão é se a liberdade pessoal vale o terrível esforço, o peso nunca aliviado e os riscos, os inevitáveis riscos, de depender de si mesmo.

Rose Wilder Lane



## VII

---

Para cada um de nós, a resposta a essa pergunta é pessoal. Mas a resposta final não pode ser pessoal, já que a liberdade individual de escolha e de ação não pode existir por muito tempo, a não ser em meio a uma multidão de indivíduos que a escolheram e que estão dispostos a pagar por ela.

Multidões de seres humanos não o farão, a menos que sua liberdade valha mais do que custa, não apenas em valor para sua alma, mas também em termos de bem-estar geral e de futuro de seu país, o que significa bem-estar e futuro de seus filhos.

O teste do valor da liberdade pessoal, portanto, só pode ser o resultado prático dessa liberdade num país cujas instituições e modo de vida e de pensamento se desenvolveram a partir do individualismo. Só existe um país assim: os Estados Unidos da América.

Aqui, num continente novo, povos sem tradição comum fundaram esta república, baseada nos direitos do indivíduo. Este país foi o único no mundo ocidental com esta característica: foi colonizado por europeus do noroeste e sua cultura é predominantemente a deles. Para eles, a ideia de liberdade individual surgiu na história do mundo como um princípio político.

Rose Wilder Lane

Se você pensar bem, é um fato estranho. Por que este território se tornou americano? Como aconteceu de aqueles colonos britânicos libertados da Inglaterra se espalharem por metade deste continente?

Os espanhóis estavam no Missouri antes que os ingleses chegassem à Virgínia ou a Massachusetts. Colônias francesas já eram antigas em Illinois. Minas francesas no Missouri forneciam balas para todo o mundo ocidental. Havia entrepostos comerciais franceses no Arkansas, meio século antes de os fazendeiros atirarem nos soldados britânicos em Lexington.

Por que os americanos, ao avançarem para o oeste, não encontraram um país povoado, uma colônia vigorosa para protestar na França contra a venda da Louisiana?

Este é um fato importante: os americanos eram os únicos colonos que construía suas casas distantes umas das outras, cada um em sua terra. A América é o único país que já vi em que fazendeiros não vivem hoje em dia em aldeias agrupadas, seguras e fechadas. É o único país que conheço onde cada pessoa não sente uma solidariedade permanente, essencial a certa classe e a certo grupo dentro dessa classe. Os primeiros americanos vieram desses grupos na Europa, mas vieram porque eram indivíduos que se rebelavam contra os grupos. Cada um construiu sua casa do seu jeito, longe dos

outros, no meio do mato da América. Isso é individualismo.

A diversidade natural dos seres humanos e a tendência natural do homem de avançar para o futuro como um explorador que descobre seu caminho foram libertadas naquelas colônias inglesas na costa atlântica. Homens das ilhas britânicas se precipitavam tão avidamente para a liberdade que o Parlamento e o Rei decidiram não abrir mais terra nenhuma para colonização; as estatísticas da época provam claramente que uma expansão das colônias americanas para o oeste teria despovoado a Inglaterra.

De qualquer maneira, antes que o chá fosse jogado ao mar no porto de Boston, os colonos sem lei haviam penetrado os picos e vales dos Apalaches e exploravam as terras proibidas além deles.

Ninguém planejou que esses jovens Estados Unidos algum dia cobririam metade do continente. O pensamento de Nova York e Washington estava muito aquém desse surto. Foram as energias liberadas dos indivíduos que se despejaram na direção oeste numa velocidade nunca imaginada, varrendo do mapa e subjugando assentamentos de povos mais coesos e alcançando o Pacífico no tempo em que Jefferson achou que levaria para colonizar Ohio.

Não tenho ilusões sobre os pioneiros. Meu próprio povo, por oito gerações, foi de pioneiros americanos. Quando criança, se eu recordasse com orgulho demais uma ancestralidade mais velha que Plymouth, minha mãe me lembraria de um tio-bisavô preso por roubar uma vaca.

Os pioneiros não eram, de maneira nenhuma, os melhores da Europa. Em geral, eram desordeiros das classes mais baixas. A Europa ficou feliz em se livrar deles. Não trouxeram grande inteligência ou cultura. Seu maior desejo era fazer o que bem entendessem e não eram idealistas. Quando não podiam pagar suas dívidas, fugiam de um dia para outro. Quando suas maneiras, hábitos pessoais ou opiniões normalmente ignorantes e expressas em voz alta ofendiam os bem-nascidos, comentavam: “É um país livre, né?” Uma frase que usavam bastante era “livre e independente”. Também diziam: “Vou experimentar cada coisa uma vez” e “Claro, vou arriscar a sorte!”.

Eram especuladores desenfreados; jogavam com terra, peles, madeira, canais e assentamentos. Vendiam cidades inteiras que ainda não existiam e que, na maioria das vezes, nunca se materializavam. Eram camponeses ignorantes, exploradores, professores e advogados autodidatas, políticos fanfarrões, impressores, lenhadores, ladrões de cavalos e de gado.

Cada um estava lá para conseguir o que pudesse para si mesmo e que o diabo levasse quem vinha atrás. Em qualquer situação de adversidade, era cada um por si; havia piedade humana e bondade, mas nem sinal de espírito de comunidade. O pioneiro tinha um senso para os cavalos, um senso para as cartas e um senso de dinheiro, mas nem uma partícula de senso social. Os pioneiros eram individualistas. E aguentaram o tranco.

Esse era o material humano da América. Não é o que se escolheria para fazer uma nação ou um caráter nacional admirável. E os americanos de hoje são o povo mais descuidado e sem lei que existe. Também somos o povo mais imaginativo, mais temperamental e mais infinitamente variado. Somos o povo mais bondoso da terra; bons uns com os outros todos os dias e reagimos com solidariedade a qualquer rumor de desgraça. É só na América que os carros param para emprestar um macaco a um estranho. Só os americanos fizeram milhões de pequenos sacrifícios pessoais para despejar prosperidade em todo o mundo, aliviando o sofrimento em lugares tão distantes como a Armênia e o Japão.

Em toda parte, em lojas, ruas, fábricas, elevadores, estradas e fazendas, os americanos são o povo mais amigável e cortês. Existe mais riso e mais música na América que em qualquer outro lugar. São alguns dos valores humanos que nasceram do

Rose Wilder Lane

individualismo enquanto o individualismo criava  
esta nação.

## VIII

---

Olhe este fenômeno: os Estados Unidos da América.

Por duzentos e cinquenta anos, a Europa coloniza este continente. Como resultado, a Espanha ocupa o Golfo e as Flóridas, o México, o Texas, o Novo México, o Arizona e a Califórnia. A Rússia está no norte. A França controla os Grandes Lagos e os rios navegáveis do vale do Mississipi, o comércio de peles e as minas do Missouri. Ao longo da costa atlântica, entre a região selvagem e o mar, estão espalhadas pequenas colônias inglesas.

Nem todas as colônias se rebelam contra a Inglaterra. O Canadá permanece fiel ao Rei e, entre as outras, apenas a Virgínia e Massachusetts têm real disposição de lutar. A guerra se arrasta – uma pequena guerra de fronteira que poucos rebeldes lutam com coragem e que a Inglaterra despreza, já que seus interesses vitais estão em outro lugar. Uma expedição de canhoneiros franceses ajuda a decidir a questão. A paz é assinada, e as treze colônias sem interesse comum não sabem se devem se unir ou se tornar nações separadas.

Nesse ponto, qual pareceria ser o futuro desse continente? Parece provável que essas colônias – divididas pela religião, estrutura social e interesses

econômicos, brigando entre si por questões territoriais que ameaçavam irromper em guerras – parece provável que elas prevaleceriam contra as Grandes Potências já instaladas no solo da América? Não parece que, se elas pretendem simplesmente sobreviver, tem de se unir sob um governo extremamente poderoso?

Aconteceu justamente o contrário. Os homens que se reuniram na Filadélfia para formar um governo acreditavam que todos os homens nascem livres. Fundaram este governo sobre o princípio: Todo poder ao indivíduo.

Como pode tal princípio ser encarnado num governo? Não há como fugir do fato de que qualquer governo precisa ser um homem, ou poucos, com poder sobre uma multidão de homens. Como é possível transferir o poder do governante a cada homem nessa multidão? Não é possível.

Não era apenas o problema de permitir que o homem comum tivesse alguma voz nas assembleias de seus governantes, alguma força para impedir que os governantes usassem seu poder para prejudicar ou roubar o homem comum. A intenção era realmente dar o poder de governar a cada homem comum igualmente. De maneira que, na prática, o resultado político seria o mesmo da aldeia comunista, onde cada homem tem igual poder e luta por seu interesse até que um equilíbrio satisfatório seja alcançado. O poder de governo



desta nova república estaria realmente nas multidões. O homem comum governaria a si mesmo.

Mas como é possível encarnar essa intenção nos mecanismos governamentais, uma vez que qualquer governo de multidões de homens precisa ser um homem, ou poucos, com poder sobre muitos? Não é possível.

O problema foi resolvido destruindo-se o próprio poder, até o ponto em que isso foi possível. O poder foi diminuído até o mínimo irreduzível.

O poder de governar foi quebrado em três fragmentos, de maneira que jamais um homem pudesse possuir todo o poder. A função de governo foi cortada em três partes, cada uma delas verificada continuamente pelas outras duas. Qualquer governante é um ser humano e, num ser humano, pensar, decidir, agir e julgar são inseparáveis. Neste governo, nenhum homem teria permissão de funcionar como um ser humano completo. Os congressistas pensariam e decidiriam; o executivo agiria; os tribunais julgariam.

E foi colocada sobre esses três poderes uma declaração escrita de princípios políticos, que seria a mais forte verificação sobre todos eles, uma limitação impessoal sobre os seres humanos falíveis que teriam permissão de usar esses

Rose Wilder Lane

fragmentos de autoridade sobre multidões de indivíduos.

Não sem motivo, os europeus clamavam que esse governo era a anarquia solta no mundo. Não sem motivo, os governos mais antigos se recusaram a reconhecê-lo. Nenhum governo pode chegar mais perto da anarquia que isso e se tornar um governo. Nunca antes multidões de homens haviam sido libertadas para agir como quisessem.

Nessa ocasião, um Congresso Continental subornado havia vendido milhões de acres de terras públicas a especuladores, reivindicadas tanto por Connecticut quanto pela Virgínia. E o primeiro Congresso dos Estados Unidos, numa chicana inescrupulosa, roubou os soldados revolucionários comuns de seu magro pagamento e colocou o dinheiro no bolso dos congressistas e dos banqueiros nova-iorquinos.

Que futuro se poderia prever para tal falta de governo, em tal situação?

Em setenta anos, no tempo de uma vida, a França e a Rússia tinham desaparecido deste continente. A Espanha tinha cedido as Flóridas, o Texas, o Novo México, o Arizona e a Califórnia. A Inglaterra foi repelida no norte. Toda a vasta extensão deste país foi coberta por uma nação, uma tumultuosa multidão de homens sob o governo mais fraco do mundo. Como isso aconteceu?

A característica da história americana é que aparentemente tudo acontece por acidente. Nada parece planejado ou pretendido. Outras nações adotam políticas e as perseguem; sua história se forma pelo choque entre essas políticas e outras políticas planejadas em outro lugar. Mas a América se move como que sem direção. Sempre, nestes Estados Unidos, o não pretendido e o não planejado acabam sendo feitos.

Pense na conquista do vasto território entre o Rio Ohio e os Grandes Lagos, entre o Mississipi e as colônias litorâneas. Um homem fez isso: George Rogers Clark. Ele emprestou dinheiro e conseguiu a maioria dos seus homens com o governador espanhol e o povo francês do Missouri e Illinois; realizou uma das mais terríveis marchas de inverno da história e capturou em Vincennes o comandante das forças britânicas no oeste. Ninguém planejou isso; ninguém exceto George Rogers Clark e seu pequeno bando sabiam que isso estava sendo feito.

Nesse único golpe independente, um americano livre e empreendedor destruiu um plano que havia sido cuidadosamente amadurecido por dois anos em Londres e no Canadá. Levou os Estados Unidos até o Mississipi. E nem a Assembleia da Virgínia nem o Congresso dos Estados Unidos jamais pagaram os títulos que ele emitiu em St. Louis para os suprimentos militares que usou. Esses títulos não foram pagos; George Rogers Clark estava

arruinado, o governador espanhol estava arruinado, os comerciantes de peles de St. Louis tiveram um prejuízo gigantesco e uma grande casa de comércio de peles faliu, porque os títulos não foram pagos. Mas o território noroeste era dos Estados Unidos.

Pense na colonização do Kentucky. A Companhia de Terras Henderson a fez. O governo desejava restringir e controlar a colonização do oeste; avançava rápido demais, era sem lei demais, ameaçava causar rebeliões contra os Estados Unidos e problemas com a Espanha. Qualquer homem inteligente no poder a teria impedido. Mas não havia nenhum homem no poder, porque não havia nenhum poder que um homem pudesse usar. E o juiz Henderson viu uma chance de enriquecer.

Ele vendeu a terra do Kentucky a crédito para os colonos e teria enriquecido se eles pagassem. Não pagaram; expulsaram a bala os cobradores das prestações. A Companhia de Terras Henderson faliu na depressão da década de 1790. Mas o Kentucky foi colonizado.

Pense na Compra da Louisiana, que levou os Estados Unidos do Mississipi até as Montanhas Rochosas. Ninguém tinha a intenção de comprar aquelas terras. Todos viam o Mississipi como a fronteira permanente dos Estados Unidos. O grande rio era um limite geográfico natural.

Como previsto, entretanto, o Kentucky estava dando problemas. Aqueles colonos ocidentais ameaçavam juntar-se à Espanha, que dominava o Golfo e os mantinha sem acesso a um porto marítimo. Jefferson percebeu que todo o Oeste – ou seja, a metade oriental do vale do Mississipi – seria perdido, a não ser que os Estados Unidos conseguissem um porto para o Golfo. Tudo que ele queria era um porto, só uma pequena baía.

Dois delegados americanos em Paris, sem nenhuma autoridade para fazê-lo, compraram a Louisiana inteira de Napoleão. Pertencia à Espanha, mas Napoleão a vendeu; seu exército poderia resolver a questão com a Espanha. E os dois americanos compraram, pagando quinze milhões de dólares por ela. Jefferson ficou horrorizado quando soube. Ficou a um passo de rejeitar o negócio.

Pense na questão vital da escravidão. Em todos os outros lugares no mundo ocidental, a escravidão foi abolida por uma legislação debatida e bem analisada. Todas as vezes que a questão foi apresentada aos americanos, uma maioria esmagadora votou contra a abolição.

Então, Lincoln foi eleito com uma plataforma que prometia terras de graça e uma estrada de ferro para o Pacífico. Uma antiga disputa sobre a divisão de poder entre os governos estaduais e o governo federal acabou provocando uma guerra que vinha

sendo evitada havia meio século e, como medida de guerra, a escravidão foi abolida.

Ninguém pretendia expulsar os índios do Meio Oeste. De novo e de novo, de boa fé, os tratados dos Estados Unidos estabeleciam para sempre as tribos indígenas como estados-tampão permanentes. Era uma política racional, baseada em todas as probabilidades futuras que podiam ser vislumbradas na ocasião. De novo e de novo, tropas federais despejavam colonos brancos das terras garantidas aos índios pelos tratados. Mas não havia controle sobre o individualismo e os índios desapareceram.

A Califórnia foi arrancada do México numa aventura pessoal clandestina do general Fremont, com a conivência do senador Benton, do Missouri, que mandou dizer a ele que se movesse rápido antes que fosse impedido de continuar. Aconteceu numa época em que ninguém sonhava que houvesse ouro no pé daquelas colinas e os homens previdentes sabiam que o solo da Califórnia não tinha valor porque os Estados Unidos já tinham muito mais terras do que os americanos podiam usar e, nos séculos futuros, a população da costa do Pacífico não seria grande o bastante para se tornar um mercado para os produtos agrícolas.

Insuflados pela propaganda privada e egoísta e inspirados por ideais democráticos, os americanos se lançaram numa guerra para libertar Cuba da

tiranía imperial da Espanha e descobriram que estavam lutando contra os filipinos para impedi-los de se libertarem. Assim, os Estados Unidos se tornaram um império e uma potência mundial.

Esses exemplos se multiplicam às centenas, aos milhares. Em qualquer ponto da história americana que se olhe, eles estão lá. Não há plano, intenção, política fixa em parte alguma; é a anarquia, o caos. É o individualismo. Em menos de um século, criou nossa América.

Rose Wilder Lane



## IX

---

Tenho olhado para a América há anos. Passei mais de trinta anos em meu país antes; viajei por ele e morei em muitos de seus estados, mas não o havia visto. Os americanos deveriam olhar para a América. Olhem para esta terra vasta, infinitamente variada, completamente não padronizada, complexa, sutil, apaixonada, forte, fraca, bonita, inorgânica e intensamente vital.

Como pudemos nos confundir tanto pelos livros e pelo desejo de nossa mente de criar um padrão, de modo que aplicamos a estes Estados Unidos a ideologia da Europa?

Com alguma aproximação grosseira aos fatos, os europeus conseguem pensar em termos de Trabalho, Capital, Sistema e Estado. Pode-se falar em Trabalho em Paris, onde a classe trabalhadora é rigidamente separada das outras classes; na Inglaterra, onde seu próprio modo de falar, suas roupas e sua escolarização os separam; em Roma, onde os operários tem orgulho de saber que até a vida ordeira de um operário serve à Itália; e em Veneza, onde apenas o filho de um gondoleiro pode ter permissão para se tornar gondoleiro.

Capitalista é uma palavra que tem algum sentido nesses países onde, dentro de uma estrutura social

apenas levemente balançada, homens com dinheiro ascenderam aos níveis mais altos antes ocupados apenas pela aristocracia. Há um sistema de lucros em que os negócios se infiltraram e substituíram o sistema feudal. O Estado é uma abreviatura para muitos fatos onde as burocracias controlam uma ordem socioeconômica regulada.

Na América, um homem trabalha, mas não é “O Trabalho”. Cem milhões de homens trabalhando não são “O Trabalho”. São cem milhões de indivíduos com cem milhões de experiências de vida, caracteres, gostos, ambições e graus de habilidade. Cada um deles, em meio às incertezas, perigos, riscos, oportunidades e catástrofes de uma sociedade livre, criou sua própria vida e seu próprio status da melhor maneira que pôde.

Um americano planta trigo, mas não é “O Plantador de Trigo”. Em cada estado desta União, homens de todas as raças e circunstâncias e mentes, por toda a variedade possível de métodos e com as mais variadas necessidades e com diversas finalidades em vista, plantam trigo. Todos eles juntos não são “O Plantador de Trigo”. Homens plantam algodão, homens plantam laranjas, homens plantam soja; eles não são “A Agricultura”.

“A Agricultura”, como palavra aplicada a seres humanos, significa uma classe de homens atrelada ao solo. Não existe essa classe na América. Excetuando-se apenas a velha aristocracia fundiária

do sul, que já havia desaparecido quando Lincoln nasceu, nunca houve uma classe assim neste país. Em primeiro lugar, os americanos eram jogadores, especuladores. Especulavam com terras enquanto o jogo era bom com terras. Nunca se prenderam genuinamente ao solo, a um pedaço de terra, a estes campos, a esta floresta, a este rio, a este céu, a estas estações cambiantes que se tornaram deles porque eles os amavam e sua vida estava neles. Existe “O Camponês” europeu; nunca existiu “O Camponês” americano.

Um americano era fazendeiro se esperava ganhar dinheiro sendo fazendeiro. Vendia a terra quando achava que podia ter lucro vendendo-a. Hipotecava-a, se achasse que podia comprar mais terras numa alta do mercado, ou entrar numa boa especulação com trigo, petróleo, minas, gado ou Wall Street. Num mercado em baixa, ele saía como podia e tocava um posto de gasolina, vendia carros, montava uma doceria ou um restaurante. Seu filho podia se tornar qualquer coisa, de um Dillinger\* a um Henry Ford.

Não podemos encontrar “O Capitalista”; ele não existe. Homens com as mais diversas mentes e por propósitos variados, ou por acidente ou sorte ou a habilidade de um pirata, criaram imensos negócios e organizações financeiras e lutaram para fazê-las crescer e obter delas lucros maiores. Mas tudo aqui era fluido, cambiante e incerto; nada era estático e

---

\* Ladrão de bancos dos anos 20 e 30. (N. do T.)

seguro. Aqui, não havia uma classe estabelecida solidamente, disposta numa ordem social e controlando as classes mais baixas como vacas a serem ordenhadas. Não era possível capturar o controle sobre as multidões americanas porque esse controle não existia para ser capturado.

Enquanto durar nossa forma de governo, esse controle não pode existir. Cada negócio e empreendimento financeiro devem servir à multidão imprevisível de homens comuns e adaptar-se rapidamente para servir às suas demandas e desejos variáveis, amanhã e amanhã e amanhã, ou seus rivais vão se levantar do meio dessa multidão e destruí-los.

Deve-se lutar constantemente pela propriedade e defendê-la e, exatamente nessa luta, a propriedade de grandes corporações se desmanchou; tornou-se tão espalhada e difusa entre a multidão, que ninguém pode dizer onde começa ou termina, e o destino final dos lucros da indústria, se existir, não pode ser descoberto.

Os interesses econômicos se entrelaçam, o devedor também é o credor, o produtor é o consumidor, a companhia de seguros planta trigo, o fazendeiro vende a descoberto na Câmara de Comércio. Tudo se encontra indo e voltando; ninguém entende nada e qualquer descrição clara e ordeira desse caos é falsa.

Alguns milhares de homens nessa luta e confusão aparentemente possuem enormes somas de dinheiro. Mas procure o dinheiro e ele não está lá; não é uma realidade sólida; não é a propriedade tangível, não hipotecada e segura de uma classe rentista, nem a posse de um Junker\* de vastas extensões de terras e tantas aldeias. É o poder dinâmico fluindo através de negócios e indústrias e – assim como a potência que move uma máquina – se parar, desaparece.

As vastas fortunas existem apenas como poder dinâmico e também esse poder precisa servir às multidões. A riqueza americana é composta de inúmeras correntes de poder, alimentadas por fontes pequenas e grandes, fluindo através de mecanismos que produzem grandes quantidades de bens consumidos pelas multidões. E não se pode dizer que os homens que são considerados seus donos controlem nem mesmo a riqueza que é registrada como deles, pois sua simples existência depende de satisfazer desejos caóticos e agradar gostos imprevisíveis. Fortunas criadas fabricando-se grampos de cabelo desapareceram quando as americanas cortaram o cabelo.

Alguns milhares de homens na América direcionaram fragmentos do poder econômico da melhor maneira que puderam e extraíram das correntes desse poder dinâmico tanta riqueza tangível quanto eles e suas famílias podiam

---

\* Membro da aristocracia rural da Prússia. (N. do T.)

consumir. Alguns extraíram enormes quantias, além da capacidade de consumo de qualquer homem, e usaram essas quantias para construir bibliotecas, hospitais, museus ou para um serviço ímpar e inestimável à música, à ciência, à saúde pública.

Muitos deles gastaram de maneira estúpida e perdulária tanto quanto puderam gastar, nos modos de vida mais luxuosos e decadentes possíveis, e esse espetáculo é revoltante. Muitas vezes, quando minhas contas e minhas dívidas se acumulavam e meus mais frenéticos esforços não eram suficientes para tirar um dólar ou alguma esperança daquele caos, de modo que era mais difícil enfrentar as noites que os dias desesperados, eu pensava naquelas mulheres cobertas de joias despreocupadamente despejando punhados de ouro nas mesas de Monte Carlo ou naqueles colares tão charmosos que valiam cem mil dólares e os casacos de pele de apenas US\$ 25.000,00. Eu disse revoltante? A palavra é amena.

Já fui revolucionária de coração e não há nada que alguém me possa dizer sobre pobreza, sofrimento, injustiças, fome e as crueldades aparentemente desnecessárias que existem de costa a costa neste país. Mas ninguém mais pode me dizer que essas coisas são resultantes de um sistema capitalista, porque não existe sistema aqui.

Todos esses homens que, de diversas maneiras, com diversos objetivos e com os mais variados resultados para o bem-estar e a felicidade dos outros, lutam para direcionar os esforços dos americanos, custam caro. Custam caro porque tiram grandes somas de dinheiro de verdade das correntes do poder produtivo e despejam parte dessas somas de volta nessas correntes, quando gastam dinheiro para seus próprios objetivos individuais.

Mas se esse caos fosse substituído por um sistema, por uma ordem social tão perfeita que não existisse nenhum traço de egoísmo nela, uma ordem que funcionasse perfeitamente apenas pelo objetivo de servir ao bem comum, esses homens seriam substituídos por uma burocracia. E uma burocracia também custa caro.

A burocracia que é necessária para controlar, em detalhe e de acordo com um planejamento criado por homens que possuem o poder econômico centralizado, todos os processos de negócios, indústrias, finanças e agricultura num estado moderno é estupidamente cara.

Tal burocracia é custosa não apenas pelas folhas de pagamento sempre crescentes, mas em energia humana. Porque ela tiraria uma quantidade grande e sempre crescente de homens da atividade produtiva e os colocaria para trabalhar arduamente entre rolos de fita vermelha e massas de papel, registrando o que os outros homens fizeram ou

Rose Wilder Lane

foram talvez autorizados a fazer, ou mandados fazer.

Além disso, as burocracias são obstáculos estúpidos e morosos a toda a gama de atividades humanas, como sabe qualquer um que tenha lutado para se mover sob o peso de suas engrenagens na Europa. As burocracias freiam, impedem e adiam a realização dos desejos da multidão, porque não são obrigadas, como neste caos americano os negócios e a indústria são obrigados, a servir a esses desejos ou perecer.



# X

---

Esse caos americano de energias humanas liberadas vem acontecendo há mais de um século, menos de metade da história passada do país. Nesse período, criou a América e tornou a América o país mais rico do mundo. De onde veio essa riqueza?

Os americanos vêm explorando os recursos naturais de metade do continente. E essa exploração continua hoje e deve voltar a se acelerar, uma vez que nossa riqueza natural não aproveitada é enorme. O potencial elétrico, por exemplo, mal começou a ser explorado. A Química acabou de descobrir um novo universo de recursos naturais. Mas só os recursos naturais não explicam nossa maior riqueza relativa, já que, enquanto os americanos exploravam a América, os europeus exploravam a Ásia, a África, a América do Sul, as Índias Orientais, as Índias Ocidentais, a Austrália e os mares do sul.

Ninguém despejou riqueza nas mãos americanas como o México e o Peru deram à Espanha. Há minas na Birmânia, na China, na velha Rússia e na Austrália, assim como em Nevada. O ouro da Califórnia não equivale ao ouro e aos diamantes da África do Sul. Há carvão e ferro na Grã-Bretanha e no Saara, petróleo quase inexaurível na Pérsia, em Mossul, no Azerbaijão e na Venezuela. As grandes

florestas do mundo não estão na América. Nenhum solo na Terra é tão produtivo como os do Egito e do Sudão. O café, a borracha, o açúcar, o rum, as especiarias, o coco seco e o estanho pagam dividendos. A Índia deu algum lucro e a Indochina não deu prejuízo à França, nem as Índias Orientais à Holanda. Acho difícil pensar que os americanos exploraram mais recursos naturais que os europeus.

Não são as terras de graça que explicam nossa riqueza. A riqueza não vem da terra, mas do trabalho sobre a terra. E talvez uma população subjugada trabalhe a terra com mais diligência que homens livres. Além disso, é um erro supor que a terra neste país não custou nada.

Grandes especuladores arrebataram este solo, a crédito, e o venderam a preços altos. A fúria da especulação com títulos de terra começou antes que nosso governo fosse criado. O Congresso Continental, em uma tacada, vendeu cinco milhões de acres em Ohio. A Virgínia vendeu, em blocos de mil acres, o Kentucky, as Carolinas, o Mississipi, o Tennessee e ninguém sabe que parte de Ohio, Indiana e Illinois. Houve um *crash* dessa especulação na década de 1790, com falências e tempos difíceis.

Depois da Compra da Louisiana, quando o salário por doze horas de trabalho duro era de vinte e cinco centavos, o Gabinete de Terras dos Estados Unidos, em um ano, vendeu cinco milhões de acres do

baixo Missouri por um preço médio de cinco dólares o acre. Os especuladores compraram e os preços deram um salto. A especulação ficou maluca pelos lotes. Os promotores os vendiam por US\$ 50,00; saltaram para US\$ 250,00, US\$ 500,00, US\$ 800,00, US\$ 1.000,00. O preço das fazendas foi para US\$ 50,00 o acre. A bolha estourou com a crise bancária de 1819.

O *Homestead Act* foi aprovado em 1862, quando apenas o supostamente inabitável Grande Deserto Americano tinha sobrado. Vinte e oito anos depois a última parte do Grande Deserto Americano foi tomada na última corrida de terras. Duas décadas depois disso, eu mesma ajudei a vender a terra virgem da Califórnia, por preços que alcançavam US\$ 800,00 o acre.

Talvez a América seja o país mais rico porque os americanos tomaram tanto território e fizeram dele um único país sem barreiras ao comércio. Talvez seja porque os americanos acolheram e exploraram a revolução industrial, a ciência aplicada e as máquinas como nenhum outro povo. E talvez tenham conseguido fazer isso porque não tinham fronteiras, distinções de classe e o peso das burocracias para atrapalhar, como os europeus sempre tiveram.

O fato de que a América é o país mais rico não é em si tão importante; a Inglaterra é rica, como a França e a Holanda; como era a Alemanha de antes

da guerra e o Império Austríaco. Mais importante que isso é que os Estados Unidos da América são o país com a população mais rica do mundo.

Pela lógica, o egoísmo sem barreiras deveria construir uma enorme riqueza para uns poucos e afundar as multidões na pobreza mais sórdida. A mente lógica germânica de Marx viu isso. Ele enxergava e podia contar estatisticamente uma quantidade determinada de riqueza – tangível e sólida como uma maçã. Naturalmente, ele concluiu que quanto mais a classe alta tomasse dessa riqueza menos sobraria para as classes inferiores. Os ricos ficariam mais ricos e os pobres, mais pobres.

Na verdade, neste país, aconteceu o inverso. No aproveitamento da riqueza, existe menos disparidade agora, hoje, entre o americano mais rico e o operário médio do que havia entre Jefferson e Monticello e o colono médio do extremo oeste no Kentucky.

Parece que o individualismo tende a nivelar a riqueza, a destruir a desigualdade econômica. Marx, o europeu, não podia conceber as enormes energias criativas liberadas quando multidões de homens, libertos pela primeira vez do controle econômico, saem cada um do seu jeito para obter para si a maior quantidade possível de riqueza. Certamente, essa breve experiência de individualismo não apenas criou grande riqueza e multiplicou de maneira inimaginável as formas de

riqueza em bens e serviços, mas também distribuiu essas formas de riqueza num grau nunca visto e nunca igualado em outros lugares. Expressamos isso dizendo que a América tem o mais alto padrão de vida do mundo.

Isso também parece ter acontecido por acidente. Todos sabemos que não foi planejado; ninguém pretendia isso. Cada um de nós está aí para conseguir o que puder de melhor para si e para sua família, “seguindo a regra simples e o velho e bom plano de que quem tem o poder deve usá-lo e quem conseguir deve mantê-lo”.

Rose Wilder Lane

# XI

---

Só uma vez um grande número de americanos quis distribuir riqueza e eles não pretendiam elevar o padrão de vida. O padrão de vida já tinha se elevado demais e caído deploravelmente demais. Eles queriam retornar à prosperidade da década de 1880.

Aconteceu há quarenta anos. Lembro-me bem. Tempos difíceis terminaram de vez com uma época de enorme expansão nas finanças, invenções e riqueza. Na memória de meus pais, que não eram velhos, as condições de vida tinham sido completamente transformadas.

A lâmpada de querosene tinha substituído as velas e o trabalho de produzi-las; a roda de fiar havia desaparecido, o tear então só era usado para fazer tapetes de pano. Roupas feitas a máquina, sapatos feitos a máquina, vassouras industrializadas haviam jogado homens no desemprego, mas junto com o sabão industrializado e o fermento em pó, revolucionaram as tarefas domésticas. Pregos, arame farpado, arados puxados por cavalos, colheitadeiras, enfardadeiras, debulhadores de oito cavalos facilitaram o trabalho no campo – mais que em qualquer outro país.

Estradas de ferro iam de costa a costa, o serviço postal era rápido e barato, as salas de estar tinham aquecedores, o telégrafo havia chegado a quase todos os lugares. Naqueles bons tempos, os negócios fervilhavam. Na Quinta Avenida, subiam os palácios iluminados a gás dos – quase incrível, mas verdade – milionários. No Meio Oeste, as mulheres usavam vestidos de seda aos domingos; os homens fumavam bons charutos e dirigiam rápidas carruagens. Então, de repente, *crash!* o Pânico.

Alguns culpavam as tarifas, a maioria culpou as estradas de ferro. (Em plebiscitos em 1860, a maioria aprovou subsídios para as estradas de ferro. Teria sido melhor para elas se não tivessem auxílio do governo; a partir de 1890, eram amargamente odiadas porque eram subsidiadas. O ódio durou até que essas inimigas do povo fossem refreadas, reguladas e controladas pela Comissão de Comércio Interestadual.)

Todos tinham dívidas, é claro. Não houve tempo desde a fundação desta república em que os americanos não estivessem profundamente endividados. Hipotecas foram executadas, bancos faliram, fábricas fecharam, os preços agrícolas mergulharam. Senhoras caridosas organizaram sopas-dos-pobres nas cidades. Fazendeiros, depois que os credores tomavam a vaca, ficavam vivendo de batatas e nabos até que a hipoteca tomasse a fazenda.



Uma população arrancada do solo movia-se pelas estradas em carroções puxados por cavalos famintos. Grupos organizados de desempregados urbanos aglomeravam-se gritando: – Somos de carne e osso! Exigimos nosso direito de trabalhadores! – A polícia municipal e as milícias tinham-nos expulsado das fábricas fechadas e das ruas das cidades maiores. Eles aterrorizavam as cidades menores.

Do Pacífico ao Mississipi, sequestravam trens, amontoavam-se nos vagões e engajavam os maquinistas desempregados, convencendo-os a levar os trens a plena velocidade para leste. O tráfego ficou completamente confuso. Para o leste do Mississipi, os controladores de tráfego tiraram de circulação todos os trens. O exército de desempregados de Coxie marchava a pé do Mississipi para Washington. Tropas federais protegiam os prédios públicos.

Está tudo no arquivo dos velhos jornais, para aqueles que não têm uma memória tão antiga. Eu estava num carroção e ouvia o que diziam em volta das fogueiras, e eu me lembro.

Enquanto isso, a maioria das famílias continuou vivendo de maneira não dramática, como a maioria das famílias sempre faz em qualquer lugar, em meio a depressões, inflação, revoluções e guerras. Muito poucas pessoas morreram de fome. Alguém

na América sempre divide o alimento com quem precisa dele desesperadamente. Pode ser que a bondade americana tenha-se originado do sentido de insegurança de cada americano.

Mas a inanição, ou mesmo a subnutrição geral daqueles anos, que deixou tantas crianças passando fome, não é o pior que a pobreza pode fazer com um povo individualista. Neste país, pobreza não é o estado crônico de certas classes, a ser suportada como os animais suportam o frio, como uma coisa física. Americanos normais sentem uma responsabilidade individual, uma necessidade de pensar, agir, realizar; uma pobreza da qual não se ache escapatória é uma agonia para a mente e o espírito. Culpamos a nós mesmos, sentimos nosso respeito próprio mortalmente ferido, sofremos.

Depois de três anos de sofrimento, a maioria dos americanos sabia o que queria. Eles queriam destruir os Trustes.

Os Trustes eram os avós das atuais grandes corporações. Víamos os Trustes como combinações para restringir o comércio. Os negócios tinham ido bem durante a década de 1880; agora, estavam estagnados, tinham parado; obviamente, alguma coisa os fez parar e todos os nossos economistas brilhantes e populares viam que nosso inimigo eram os Trustes. As estatísticas provavam isso, e nossa experiência também, já que todos tinham prosperado quando os Trustes estavam se formando

e, agora que estavam solidamente estabelecidos, todos eram pobres.

Todos eram pobres, exceto os poucos donos dos Trustes. De fato, uns poucos homens os possuíam e controlavam, já que os Trustes eram novos e o desmanche da propriedade mal tinha começado. Esses poucos homens de fato possuíam ou pareciam possuir quantias como um milhão de dólares cada um. Numa palavra, tinham todo o dinheiro do país.

Não havia mais terra disponível. Os fazendeiros não conseguiam ganhar o suficiente para pagar os impostos. Não havia empregos; as fábricas tinham fechado. E menos de 10 por cento da população possuía mais de 90 por cento da riqueza. Mulheres ricas mimavam cachorrinhos, enquanto crianças passavam fome. Alguma coisa tinha de ser feita.

Nós gritávamos: “Abaixo os Trustes!” Nosso herói contra eles era o orador jovem e eloquente de Platte, William Jennings Bryan.

William Jennings Bryan saiu do oeste de maneira destemida para defender o Homem Comum. Enfrentou as legiões entrincheiradas do egoísmo que só pensavam em seus inchados sacos de dinheiro e as desafiou em nome do sofrimento da Humanidade.

Rose Wilder Lane

– Vocês não vão empurrar sobre a frente do Trabalho essa coroa de espinhos! – ele trovejava. – Vocês não vão crucificar a humanidade numa cruz de ouro!

Ele era economista. Propunha restringir e controlar os Trustes pela livre cunhagem de prata, numa taxa de 16:1 com relação ao ouro. Os argumentos eram intrincados e difíceis de entender, mas o coração de Bryan estava no lugar certo e, com toda sinceridade, ele sangrava pelo sofrimento do povo e pela situação arriscada do nosso país.

Foi a mais dura batalha política na história desta república. As massas do povo estavam furiosamente determinadas a destruir os Trustes e é fato que a inflação da moeda os teria arruinado; teria também, sem dúvida, destruído completamente o valor do dinheiro, não importa de quem.

Os homens ricos tinham real poder na época e, naturalmente, tentaram defender seu dinheiro. Lutaram por ele de maneira aberta e dura; e conseguiram salvá-lo por uma margem mínima. Derrotaram Bryan. As multidões de americanos tinham feito seu único esforço para distribuir riqueza e tinham fracassado.

Mesmo assim, tanta riqueza foi criada e distribuída que hoje poucos americanos pensariam em negar a ajuda de fundos públicos para qualquer família

destituída de alimentação adequada, vestuário, abrigo, assistência médica e segurança financeira, como era o caso da maioria das famílias americanas em 1896.

Rose Wilder Lane

## XII

---

O telefone, a luz elétrica, as meias de seda, as frutas e legumes frescos no inverno, os açougues com boas condições sanitárias, a geladeira, a garrafa de leite, o fogão a gás ou a querosene, roupas prontas, o lençol sem costuras, o papel de parede, a escova de dente, o sapato de couro, o cinema, o sorvete e mil outras coisas às quais os americanos estão tão acostumados que não as veem, todas testemunham uma distribuição de riqueza neste país individualista de tal ordem que nenhum outro povo sonhou ter.

Há vinte e cinco anos, o automóvel era um privilégio de homens ricos. Ainda é, em todos os lugares menos aqui. Na América, a anarquia do egoísmo individualista descontrolado distribuiu automóveis de tal maneira que, durante a pior miséria dos anos 30, a Califórnia ficou entupida de dezenas de milhares de famílias sem um centavo que chegavam; e os famintos não marchavam, viajavam em caminhões. E é correto que essas pessoas tenham automóveis; é exatamente o que eu quero dizer. Elas devem tê-los, e o individualismo conseguiu de alguma maneira, sem planejamento ou qualquer objetivo definido, fazer com que elas os obtivessem.

Há trinta anos, a maioria dos americanos tomava banho numa tina no sábado à noite e iluminava o caminho até a cama com uma lâmpada de querosene. Até hoje, os ingleses são considerados no mundo inteiro um povo extraordinariamente asseado, porque em qualquer casa inglesa de classe média ou qualquer hotel de classe média alta em Londres, pode-se tomar banho numa banheira de latão levada para o quarto. Hoje, nossos indignados intelectuais americanos acusam a América por permitir que mais de dois milhões de casas rurais não possuam banheiros modernos ou luz elétrica. Alguma coisa tem que ser feita para resolver isso, dizem eles.

Deve haver mais de dois milhões de famílias americanas usando ainda tinas para banho e lâmpadas de querosene. Deveriam ter água encanada e eletricidade. Deveriam ter aquecimento central, refrigeração elétrica, ar condicionado, televisão e todas as outras formas de riqueza material que possa ser imaginada e criada para servir-lhes no futuro.

Ainda há muita desigualdade econômica; a diferença entre ricos e pobres não diminuiu o suficiente. Com certeza, alguma coisa deveria ser feita para distribuir riqueza, para elevar o padrão geral de vida, para melhorar as condições de vida dos pobres e dar a todos, particularmente aos ricos, uma via mais abundante.



Mas é precisamente o que essa anarquia de individualismo vem fazendo, vem fazendo crescentemente, pelo curto período da história moderna durante o qual funcionou. Quando olho para essa experiência americana única que mal começou, que vem acontecendo há menos de um século e meio, acho que podemos dizer que é um sucesso.

Rose Wilder Lane

## XIII

---

Olhamos demais para gráficos e estatísticas. Aprenderíamos mais olhando para a América.

Estranhamente, as estatísticas só aparecem em tempos de agitação e necessidade. Alguém poderia dizer que sua função é a das profecias de que o pior está por vir. Parecemos ter um gosto mórbido por elas, como o das crianças por histórias de fantasmas que arrepiam os cabelos. O ar da América não ficava tão cheio de estatísticas fragmentadas desde o Pânico de 1893.

Leio outra vez, por exemplo, que menos de 10 por cento da nossa população detém mais de 90 por cento da riqueza. Isso me alarmava em 1893.

Também leio que, há cem anos, 80 por cento da nossa população tinha propriedades e hoje essa taxa é de 23%. Se essa expropriação aconteceu, isso é alarmante. Mas para mim é muito mais alarmante que tantas mentes americanas aceitem essa afirmação como verdadeira, sem nenhuma outra prova exceto o fato de que a leram, e daí concluem: primeiro, que “alguma coisa tem de ser feita” e, segundo, que a coisa certa a fazer é tomar a propriedade dos indivíduos e fazer com que o Estado a administre. Estado, neste caso, significa

governantes autocráticos dando ordens por meio de uma enorme burocracia.

Quando olho para a América, não vejo mais de três em cada quatro cidadãos destituídos de propriedade. O que vejo é que as formas de propriedade mudaram. Suspeito que, se qualquer estatístico treinado disser que quase quatro em cada cinco de nós não têm propriedades, ele estará falando de formas de propriedade conhecidas cem anos atrás como “propriedade real”.

Menos homens possuem fazendas porque a melhoria dos meios de transporte e o surgimento dos caminhões frigoríficos tornaram possível enviar boa comida para grandes populações nas cidades e porque a melhoria do maquinário agrícola tornou inevitável que as fazendas sejam maiores. Menos homens possuem casas porque muitos preferem alugar um apartamento. Quase todos os milhares de pequenas fábricas, tocadas pela família e um ou dois filhos de vizinhos, e quase todos os pequenos moinhos de água, que moíam milho e trigo e faziam papel, desapareceram. Nas correntes da América não mais existem pequenas fábricas de amido de batata, pequenas fábricas de biscoito e pequenas serrarias. Nas estatísticas, vai aparecer que a Grande Fábrica de Biscoito, com um dono, substituiu cinco mil donos de fabriquetas de biscoito.

Mesmo assim, quantos homens há cem anos possuíam seguros de vida? Ou participação numa *building-and-loan association*\*? Ou ações da Grande Fábrica de Biscoitos? Ou um carro, um rádio, uma geladeira e uma máquina de escrever? O fato é que, nas estatísticas, eu mesma apareço como despossuída, quando minha renda anual tem cinco dígitos. E conheço uma dúzia de pessoas que pagam muito imposto de renda e não possuem nenhum tipo de “propriedade real”.

Olhando para a América, me pergunto também sobre a porcentagem estatística de americanos que vivem de algum jeito com uma renda abaixo da “linha de subsistência”.

Morei por alguns anos numa fazenda próxima a uma vila de 800 pessoas, numa região agrícola de baixa produtividade em Ozarks, do tipo conhecido tecnicamente como favelas rurais. Os americanos honrados e cheios de respeito próprio que moram naquelas casas de madeira limpas, aquecidas por fogões e iluminadas com querosene não fazem ideia de que moram em favelas. Vivem como seus pais viviam e gostam disso. Cada vez que põem a família no carro e vão até a Califórnia, o Texas ou Idaho, voltam dizendo que não existe lugar como seu lar.

---

\* Instituição financeira de pequeno porte, comum nos Estados Unidos. (N. do T.)

Rose Wilder Lane

Gostam de água fresca, fria, que sai borbulhando do meio das rochas, e de melancias geladas no regato. Gostam de caça à raposa, de tocar rabeça e de piqueniques. Há quarenta anos, não precisavam de “dinheiro em espécie” para nada, exceto para pagar impostos. Hoje, têm o que quiserem para comer e têm lugar para abrigar os parentes que perderam o emprego nas cidades e, embora sintam o aperto dos impostos, passam muito bem com muito poucos dólares por semana da venda de leite.

Na vila, não há sessenta pessoas que apareceriam nas estatísticas como acima da “linha de subsistência”. No condado inteiro, só oito pessoas tem renda maior que US\$1.000,00 por ano e apresentam declaração de imposto de renda.

Mesmo assim, essa vila possui iluminação elétrica, sistema de água e esgoto, telefones, é claro, e uma rua principal asfaltada que brilha à noite com anúncios de neon. Frequentemente, assistíamos estreias de filmes antes de Nova York. Nosso salão de beleza tinha os mais modernos equipamentos para tratamento facial, manicure e cabeleireira.

Com menos de vinte exceções, as casas eram belas casinhas, bangalôs e chalés de pedra bem cuidados, com gramado e plantas ornamentais, água encanada, caixa de gelo\*, telefone, rádio. Há várias

---

\* Em inglês, *ice box*. Refrigerador não mecânico, compacto, que era um utensílio de cozinha comum antes do surgimento da geladeira elétrica. (N. do T.)

geladeiras elétricas na vila e vários fogões elétricos, embora muitas mulheres ainda usem fogões a querosene. Quase todas as famílias têm carro. As lavanderias usam lavadoras elétricas. A maioria dos homens veste jardineira, exceto quando se arrumam para uma ocasião especial, mas não encontro roupas de tanto bom gosto ou tão elegantes quanto os vestidos baratos daquelas mulheres. Todas usam meias de seda, é claro.

Essa vila não é exceção. Se você andar pelas estradas vai passar por vilas como essa a cada trecho de poucas milhas. Grande parte da população delas está abaixo da linha estatística de subsistência.

Concluo desses fatos observados que deve haver milhões de homens e mulheres neste país que, no papel, parecem estar em extrema necessidade de reabilitação e que ficariam mortalmente ofendidos se alguém dissesse isso a eles.

Rose Wilder Lane



## XIV

---

Não novidade nenhuma na economia planejada e controlada. Os seres humanos vivem sob formas variadas dessa segurança social há seis mil anos. A novidade é a anarquia do individualismo, que vem operando livremente apenas neste país há um século e meio.

Quando escrevi este livro pela primeira vez, há dez anos, perguntei a mim mesma se o individualismo tem vitalidade social suficiente para sobreviver num mundo que está se voltando outra vez para as formas estáticas, essencialmente medievais. O individualismo, que por sua própria natureza não tem organização nem líder, pode se manter contra o ataque determinado de um grupo pequeno, organizado, controlado e que acredita fanaticamente que um homem forte no poder pode dar ao povo uma vida melhor que aquela que esse povo poderia criar por si mesmo?

O espírito do individualismo ainda está aqui. Há cerca de 130.000.000 de seres humanos nestes Estados Unidos, e nenhum de nós está livre da ansiedade, e muito poucos de nós não tiveram que reduzir seu padrão de vida nos últimos anos. A quantidade dos que ficaram sem emprego e enfrentaram fome de verdade é desconhecida; as estimativas mais altas chegam a doze milhões.

Rose Wilder Lane

Desse número, menos de um terço apareceu nos relatórios de medidas de alívio. Em algum lugar, os milhões que precisavam de ajuda e não foram ajudados ainda estão lutando por conta própria em meio à depressão.

Milhões de fazendeiros ainda são senhores de suas terras; não estão recebendo cheques dos fundos públicos para os quais contribuem com seus impostos crescentes.

Milhões de homens e mulheres estão pagando em silêncio suas dívidas para as quais não pediram renegociação; milhões cortaram as despesas ao mínimo necessário, gastando cada moeda com medo de que logo não tenham nada e, de algum jeito, se mantendo animados durante o dia e encontrando Deus sabe qual força ou fraqueza em si mesmos, durante as noites sombrias.

Os americanos continuam pagando o preço da liberdade individual, que é a responsabilidade individual e a insegurança.

Esses americanos despercebidos estão defendendo o princípio sobre o qual esta república foi fundada, o princípio que criou este país e que trouxe, de fato, o máximo bem possível para a máxima quantidade de gente. Por essa coragem e perseverança, o princípio americano vem sendo defendido com sucesso, repetidas vezes, por mais de um século.

Lembramo-nos dos americanos que morreram nas guerras deste país. Construimos monumentos em memória deles e deixamos flores em seu túmulo. Foram os americanos que viveram e mantiveram o espírito de luta através dos tempos amargos e difíceis que vieram depois de cada surto de prosperidade, foram os homens e mulheres que se importaram tanto com sua liberdade pessoal que assumiram os riscos de depender de si mesmos e passar fome se não conseguissem se sustentar, foram essas pessoas que criaram nosso país – o país livre, o país mais rico e feliz do mundo.

Mas, durante aquele primeiro século, o mundo ocidental estava se voltando para o liberalismo genuíno, para a libertação do indivíduo das garras do Estado – que costumava ser chamado de tirania e hoje é chamado de “legislação administrativa”. O teste de força vem agora, quando a Europa, a Ásia e muitos americanos se afastaram da liberdade e do dinâmico mundo moderno em direção à velha ordem estática na qual os indivíduos, agora sem permissão de agir livremente, não tem responsabilidade, mas deixam tanto o poder quanto os encargos para seus governantes.

Rose Wilder Lane

## XV

---

Há dez anos, escrevi: O teste vem agora.

Os americanos cantavam: – Os dias felizes voltaram! – Dorothy Thompson publicou “I Saw Hitler”, relatando que o homenzinho era um alarme falso porque seu programa ilógico não conseguiria influenciar a mente lógica alemã. Ela exclamou exultante para mim: – Rose! Estamos de fato assistindo o fim do capitalismo! – Os capitalistas americanos rapidamente fizeram dela seu oráculo favorito.

Dos intelectuais-papagaios vinha um barulho: “Agora tudo mudou, não há mais terras grátis” e “Liberdade – para quê? Liberdade de passar fome?”

Um fazendeiro no Kansas olhou por seus campos secos, improdutivos há cinco anos, e me disse lentamente: – As pessoas superam as dificuldades. Nos anos 90, trabalhei com uma pá para proteger o trigo do gorgulho, quarenta alqueires com uma pá, uma vez por semana durante todo o inverno. Arrastei o trigo para a cidade na primavera, por dezesseis milhas pela lama, num carroção, e vendi por quarenta centavos o alqueire. As pessoas superam as dificuldades. As pessoas fazem um país. O que não consigo entender é: como alguém

Rose Wilder Lane

pode achar que o governo pode nos sustentar se somos nós que sustentamos o governo.

Numa escolinha solitária no campo, um político de fala mansa tentava ganhar a audiência maltrapilha: – Então, é isso que fizemos por vocês, agricultores. Fomos para Washington por vocês e trouxemos um Ford. Desta vez, vamos voltar lá e vamos conseguir para vocês um Cadillac!

Um silêncio obstinado pesou sobre a sala. O orador disse a mim em particular: – Esses caipiras estúpidos! Precisamos ensiná-los com um porrete.

O sr. Henry Wallace, Secretário da Agricultura, anunciou que os fazendeiros devem ser obrigados a obedecer ordens. “Charrete” se tornou um termo depreciativo e, de vez em quando, em postos de gasolina ou restaurantes 24 horas para caminhoneiros, pode-se ouvir: “Bem, é isso, a Constituição está ficando muito velha, talvez seja a hora de termos algo novo.” Apareceram casquinhas de sorvete duplas, triplas e Jumbo por um níquel; cigarros em celofane e, sob as estrelas do verão, vozes jovens cantam: “Till I grow too old to dream, your name will live in my heart.”\*

Em Des Moines, ouvi a discussão de oito empresários influentes. O Congresso abdicou. O

---

\* Até que eu fique velho demais para sonhar, seu nome vai morar no meu coração. Da música “When I Grow Too Old to Dream”, do filme “The Night is Young”, de 1935. (N. do T.)

poder executivo federal, por decreto, estava saqueando os bancos; os banqueiros estavam em silêncio. O poder político, consolidado e sem restrições, estava destruindo a estrutura política americana. A lei civil não protegia mais os direitos humanos. Eles diziam: – Não há escapatória. Tínhamos a única proteção aos direitos humanos na terra e ela se foi. O mundo vai voltar para a Idade Média.

Eu disse: – Como vocês podem estar cientes disso e não fazer nada? É possível? Vocês sabem que nosso país está sendo destruído e não fazem nada para salvá-lo? Vocês de fato entendem que sua propriedade, sua liberdade, sua vida está em perigo e não fazem nada?

– É isso mesmo – eles diziam.

Era um pesadelo. Quando encontrava alguém que entendia a situação como eu, essa pessoa não tinha esperanças, e o pessimismo em si não é americano. Os americanos consideram verdade que todos os homens nascem iguais e dotados pelo Criador de inalienável liberdade. A liberdade é a natureza do homem; toda pessoa se autocontrola e é responsável por seus pensamentos, sua fala, seus atos. Isso é um fato; sabemos disso; os americanos estabeleceram esta República sobre esse fato. E duvidar que o conhecimento de qualquer fato deva dissipar a ignorância desse fato é negar a pura realidade de toda a experiência humana. Acreditar

Rose Wilder Lane

que qualquer ação baseada na ignorância dos fatos tenha chance de ser bem sucedida é abandonar o uso da razão.

Meus amigos diziam: – É inútil, nada pode ser feito. Os americanos desistiram de querer liberdade.

A resposta a isso é: – Você desistiu? O que VOCÊ está fazendo para defender sua liberdade?

Eles respondem cansados, como os europeus: – Um indivíduo não é nada. Você não pode resistir à história.

– Resistir à história? – digo eu. – Você e eu fazemos a história. A história não é absolutamente nada além do registro do que pessoas vivas fizeram no passado. Os americanos fazem a história e a América não está morta. Existe um fazendeiro no Kansas.

– E em quem ele vota? – eles replicam.

É uma visão rasa. O problema não é de política partidária. O problema em questão é a sobrevivência da legislação constitucional americana, da estrutura política americana. É um problema político real e os grandes partidos políticos não representam problemas políticos reais desde a década de 1860. Esses partidos não defendem princípios políticos opostos; eles diferem



apenas nos métodos. Por exemplo: um defende impostos mais altos; o outro, impostos mais baixos. Nenhum deles apresentou aos eleitores o problema político real entre os impostos e o livre comércio.

Os dois grandes partidos apenas disputam os cargos públicos. A política americana, assim chamada, é um esporte profissional, uma questão de organização, trabalho em equipe e conquista de votos. As eleições são eventos esportivos, como os jogos de baseball; e os americanos acertadamente as consideram um esporte\*.

Enquanto isso, há meio século, influências reacionárias da Europa vêm deslocando o pensamento americano para um fundamento de premissas socialistas. Nas cidades e estados, ambos os partidos começaram a socializar a América com imitações da Alemanha do Kaiser: leis de bem-estar social, leis trabalhistas, leis de salário-mínimo, leis de previdência social e a chamada propriedade pública.

Há onze anos esse socialismo rastejante brotou, armado com o poder federal, e os americanos – de repente, ao que parece – confrontaram-se pela primeira vez na vida com uma questão política real:

---

\* "A campanha presidencial está naquele momento de calma, depois que o árbitro apitou e antes que a bola comece a zunir pelo campo."—Raymond Moley na Newsweek, de 11 de setembro de 1944. (N. da A.)

Rose Wilder Lane

a escolha entre o individualismo americano e o nacional-socialismo europeu.

O americano vai defender a Constituição que divide, restringe, limita e enfraquece o poder político e policial, e assim protege a liberdade pessoal de cada cidadão, seus direitos humanos e seu exercício desses direitos numa economia livre, produtiva e capitalista e numa sociedade livre?

Ou vai permitir que a estrutura política destes Estados Unidos seja substituída por um estado socialista, com seu poder de polícia centralizado e irrestrito dividindo os indivíduos em classes, suprimindo a liberdade individual, sacrificando os direitos humanos em nome de um imaginado “bem comum” e substituindo a legislação civil por decretos ou “diretivas”, chamados de maneira precisa no passado de “tirania” e chamados hoje de “legislação administrativa”?

É esta escolha que todo americano tem de fazer. Não há como fugir dela; a situação atual a coloca perante nós e exige uma decisão.

Todo americano vive hoje a primeira crise política que já viu. De sua decisão e de sua ação dependem seu direito à propriedade, seu exercício da liberdade natural e a segurança de sua própria vida.

---

\* Tomo esta definição do livro de Ludwig von Mises, "Omnipotent Government: The Rise of the Total State and Total War." Yale University Press. (N. da A.)

Porque absolutamente nada exceto a Constituição e a estrutura política destes Estados Unidos protege os americanos da captura arbitrária de sua propriedade e de sua pessoa, da Gestapo e das Tropas de Assalto, dos campos de concentração, da câmara de tortura, do revólver na nuca num porão. Não sou alarmista, é um simples fato.

Os grandes partidos políticos não representam ainda essa questão política.

Em 1933, um grupo de coletivistas sinceros e ardentes tomou o controle do Partido Democrata, usou-o para conquistar o poder federal e, entusiasticamente, por motivos que muitos deles consideram o mais alto idealismo, começou a transformar a América. O Partido Democrata é hoje um mecanismo político que tem um princípio político genuíno: o nacional-socialismo.

O Partido Republicano continua sendo um mecanismo político sem princípio político. Ele não defende o individualismo americano. Seus líderes continuam a praticar o mesmo esporte profissional americano de conquistar votos de 70 anos atrás, chamado política.

Os americanos (de ambos os partidos) que defendem princípios políticos americanos, portanto, não têm meios de ação política pacífica. Um voto no *New Deal* aprova o nacional-socialismo, mas

um voto no Partido Republicano não repudia o nacional-socialismo.

Derrotar o *New Deal* nas urnas poderia talvez deter o retrocesso do país, mas não é o suficiente para fazer a América voltar a avançar. O estado coletivista não foi inventado em 1932. O princípio político do *New Deal* vem de Platão, através da Idade das Trevas, da Idade Média, passando por vários desenvolvimentos, por Maquiavel, Rousseau, Fourier e Hegel – que define liberdade como “submissão ao Estado”.

Karl Marx adotou esta antiga mentira de Hegel e fundou a Primeira Internacional Socialista baseada nela. Marx queria a “liberdade” de Hegel para “as classes trabalhadoras”. Bismarck tomou a ideia de Hegel e Marx, usou-a para esmagar os liberais alemães e fundou sobre ela sua *Socialpolitik*, que é hoje chamada aqui de Seguridade Social.

Lênin concordou com os princípios de Marx, mas não com os métodos. Em 1903, numa conferência em Londres, Lênin dividiu a Segunda Internacional Socialista por causa de uma questão de método e assim começou o conflito entre facções de coletivistas que se tornou a guerra entre comunistas e fascistas. Os europeus e asiáticos do Volga ao Mediterrâneo estão se matando não por princípios opostos de liberdade e tirania, mas por diferentes métodos de usar o mesmo princípio de tirania.

Depois de esmagar a tentativa de estabelecer direitos humanos na Alemanha, Bismarck construiu o centralizado, socializado, despótico Estado Alemão, e os estadistas do mundo e pensadores reacionários o admiraram com fervor. Há quarenta anos, os intelectuais-papagaios da América repetiam sem cessar “A Alemanha está cinquenta anos à nossa frente na legislação social”.

Cegos à América e venerando a Europa, esses pseudopensadores reacionários deslocaram o pensamento americano para o seu contrário, num esforço para alcançar a Alemanha do Kaiser. Chamaram de “liberal” a supressão da liberdade; “progressista” o fim da livre iniciativa que é a fonte de todo o progresso humano; “liberdade econômica” a obstrução de toda liberdade; e “igualdade econômica” a escravização do homem.

Ensinarão minha geração que a Revolução Americana foi só uma guerra que terminou em 1782. Nunca ouvimos que estes Estados Unidos são uma estrutura política única em toda a história, construída sobre um fato natural nunca antes usado como princípio político: o fato de que as pessoas individuais são naturalmente livres, autocontroladas e responsáveis.

Em nossa ignorância, não conseguíamos ver que a Alemanha do Kaiser e a Internacional Comunista eram simplesmente dois aspectos da reação do Velho Mundo contra o novo: o princípio americano

de liberdade individual e direitos humanos. Os líderes americanos do pensamento, a quem respeitávamos, diziam que a reação comunista era a revolução mundial.

Foi essa mentira que nos enganou. Os americanos *são* os revolucionários mundiais. Estes Estados Unidos defendem um princípio político que vai conquistar e mudar o mundo inteiro, porque é verdadeiro. Três gerações de americanos vêm criando um novo mundo, o mundo moderno. É nossa tradição, nossa herança, o impulso inconsciente de nossas vidas, destruir o velho para criar o novo. Nossa ignorância nos traiu; acreditamos em rótulos. Desejamos a coisa arcaica que estava marcada como “Nova”.

O *New Deal* criou raízes há vinte e cinco anos nas faculdades americanas e nos bairros pobres de Nova York, onde, sob risco de violência policial, ouvíamos esses idealistas ignorantes como Jack Reed. Sonhamos que éramos os revolucionários mundiais. Éramos os reacionários, minando a verdadeira revolução mundial na origem, no nosso próprio país.

Desde 1933, a reação avançou rapidamente e avançou muito. (Embora até agora, os Estados Unidos ainda não tenham alcançado a Alemanha em “legislação social”.) Hoje, as agências administrativas federais quase destruíram aquelas divisões do poder político que sozinhas protegem a

propriedade, a liberdade e a vida do cidadão americano. O poder administrativo político e policial não pode ser dividido, não pode nem mesmo ser submetido à lei civil, porque um estado que determina as ações humanas na produção e distribuição de bens precisa do poder absoluto e indivisível.

O Congresso não pode mais ser aquele que faz as leis, quando tantos chefes de departamentos e agências diariamente emitem portarias que a polícia faz cumprir como se fossem leis.

Os Estados são invadidos por enxames de coletores de impostos federais e agentes federais que dão ordens aos cidadãos e corrompem os últimos poderes dos Estados. E os direitos civis do cidadão têm de desaparecer, uma vez que o poder de autodeterminação de sua comunidade e de seu Estado é usurpado por um poder nacional centralizado.

Hoje, os fazendeiros americanos estão sendo comprimidos numa classe camponesa, sujeita a ordens e punições decretadas por uma classe governante. Hoje, na América, existe uma classe trabalhadora; pelo decreto de 1º de julho de 1944, cinquenta e oito milhões de americanos estão atrelados às linhas de montagem como os servos da Idade Média eram atrelados à terra. Agora, neste momento, nenhum americano pode trabalhar ou parar de trabalhar, nem escolher seu trabalho, nem

seu horário de trabalho, nem seu salário em qualquer ramo de atividade; nem produzir, nem vender, nem comprar, nem consumir as coisas necessárias à vida humana sem a permissão de algum autocrata.

Mas é uma emergência. De fato, é. É uma emergência de cinquenta anos, uma emergência que ficou aguda desde 1933, e que se torna mais perigosa a cada hora. Uma eleição não vai terminar com ela, nem a vitória nesta guerra mundial. Porque aqui e na Inglaterra, em toda a Europa e na Ásia, os estadistas que governam supõem que essa supressão da liberdade é boa para a humanidade e que essas novas formas de uma velha tirania vieram para ficar. A questão que eles discutem é: Como estender esses chamados “controles” para o mundo inteiro?

Eles acham que o mundo moderno vai continuar a existir. Mas este mundo moderno, esta civilização moderna só existe onde os homens foram, por dois curtos séculos, libertos dessas antigas tiranias de estado, chamadas controles. Livre pensamento, livre expressão, livre ação e propriedade desembaraçada são a origem do mundo moderno. Ele não pode existir sem essas liberdades. Sua existência depende da abolição desses controles estatais reacionários e da destruição do Estado socialista.



A tarefa diante dos americanos é acabar com esses controles policiais dos pacíficos e produtivos cidadãos americanos; abolir toda a legislação reacionária e revogar os decretos do Executivo que estabelecem o regime nacional-socialista; desmontar as corporações, departamentos, repartições e agências federais que impõem e fazem cumprir esses controles estatais; devolver três milhões de comedores de impostos federais ao trabalho útil e pagador de impostos; libertar os fazendeiros americanos da socialização de Bismarck e tirar das costas dos operários americanos o peso da *Socialpolitik* de Bismarck, aqui chamada de “Seguridade Social”; e exigir dos homens que detêm cargos públicos que reconheçam de novo o direito natural de todo americano, como pessoa livre, de possuir e cultivar sua terra e colher o fruto de seu trabalho, de gerenciar e ter lucros ou prejuízos em seu negócio, de possuir e gastar ou poupar seu próprio dinheiro, de se filiar ou não se filiar a um sindicato, de assinar ou não assinar um contrato, de escolher seu próprio trabalho e negociar o salário que recebe ou que paga, individualmente ou como membro de qualquer grupo de outros homens livres.

Nenhum político, até agora, pediu aos eleitores americanos que lhe deem o poder para arrancar de qualquer Estado os poderes que ele usurpou dos seus cidadãos, nem de arrancar do Governo Federal os poderes que ele usurpou dos Estados; para restaurar os direitos dos cidadãos, os direitos e

poderes dos Estados e a estrutura política desta União de Estados; nem para acrescentar à lista original de restrições ao poder político – a lista conhecida como *Bill of Rights* – mais restrições que protejam adequadamente a propriedade, a liberdade e a vida das pessoas do mundo moderno e façam os Estados Unidos novamente o líder mundial dos direitos humanos e da revolução para libertar o mundo.

Os americanos que já assumiram essa tarefa, e a executarão, são indivíduos – o indivíduo que é chamado de “nada” e tratado com paternalismo como “o homenzinho” na Alemanha e como “o homem comum” aqui, o indivíduo que faz e refaz o mundo.

É um gráfico no Texas, que imprimiu uma carta que vinte milhões de americanos leram, embora não tenha aparecido em nenhum jornal; o fazendeiro em Nebraska que se negou a pagar uma multa por plantar trigo e foi para a cadeia “pelo princípio”; o empresário que assinou a Declaração dos Cinquenta Cidadãos de Wichita; os fazendeiros de Nova Jersey que não permitem que os agentes federais classifiquem os ovos de Nova Jersey e rebaixem seu padrão de qualidade; o empregador em Ohio que gasta sua fortuna e põe em risco a existência de sua empresa resistindo à tirania federal que o forçaria a reduzir os salários que paga; as centenas de milhares de homens e

mulheres em todos estes estados que estão se levantando e agindo em defesa de seus direitos.

Meio século de retrocesso faz de nosso país menos do que ele poderia ter sido. Mas uma revolução mundial não pode ser vencida sem encontrar reação contrária. Esta última década de nacional-socialismo reacionário agora causa dificuldades para todos os americanos. Mesmo assim, no teste da guerra, este povo, o mais individualista, o até agora menos socializado, apoia ou derrota o Velho Mundo inteiro. Como disse Stalin em Teerã, a produção capitalista americana está vencendo esta guerra mundial. Os homens despreparados e destreinados para a guerra têm a energia econômica e militar que vence na guerra o mais socializado de todos os povos, bem treinado para a guerra pelo serviço militar obrigatório.

Em todos estes Estados, os americanos já estão se unindo em grupos para defender a liberdade em paz. Esses grupos de indivíduos livres, que se organizam e agem por um objetivo comum, são os instrumentos do individualismo. Os americanos têm prática em seu uso. Nossa sociedade livre é um complexo ativo de incontáveis grupos, agindo mutuamente por incontáveis objetivos – Rotary, Lions, Elks, Ladies’ Aids, todas as igrejas, Associações de Pais e Mestres, clubes femininos, D. A. R., Filhas da Confederação, Filhas de 1812, Câmaras de Comércio, Associações de Bibliotecários, a lista é infinita. Agora, os

Rose Wilder Lane

americanos estão se unindo em grupos para defender a liberdade e os direitos humanos. Um americano que toma essa defesa em sua comunidade, sua empresa, seu trabalho logo descobre que não está só.

Os americanos individuais estão acabando com o período reacionário por aqui. Os americanos estão outra vez pensando politicamente, como não fizeram por oitenta anos, e eles não esqueceram que resistir à tirania é obedecer a Deus. Estão respondendo à pergunta que eu não devia ter feito há dez anos. Estão respondendo agora na Europa e na Ásia, e amanhã responderão em casa. A resposta é: Sim, o individualismo tem força para resistir a todos os ataques.